



Cartum de Suleiman Mansur, Palestina ocupada.

A UNE com os palestinos

Eu fui convidado pela Federação das Entidades Árabe-Palestina no Brasil, que reúne a colônia árabe daqui que simpatiza com a causa palestina. Viajei junto com um grupo de jornalistas brasileiros e com palestinos residentes no Brasil, inclusive um senhor, já de idade, que havia lutado contra os sionistas já em 1948.

Para falar a verdade, as informações que eu tinha sobre a Organização de Libertação da Palestina eram as que a grande maioria do povo brasileiro tem: quase nada. Uma informação muito impregnada pelo que dizem as agências de informação norte-americanas, que alimentam toda a grande imprensa brasileira. Desde muito novo eu simpatizava com os palestinos, pois sabia que se os americanos estavam do lado de Israel era porque Israel não prestava. Mas pouco conhecia sobre a causa palestina. E via muita gente, às vezes até engajada em movimentos progressistas, que repudia a resistência da OLP e termina tomando uma posição de simpatia, ainda que difusa, ao Estado de Israel.

Pois bem, estive lá e conto agora o que vi: Um povo a quem os sionistas israelenses arrancaram a própria terra pátria, que luta para libertá-la. Uma revolução antiimperialista em curso, com o objetivo de construir o Estado Palestino, laico e democrático, nas terras hoje ocupadas. E uma organização, a OLP, que não só goza de todo apoio do seu povo como já desenvolve praticamente as funções de um Estado, desde a defesa nacional até a cultura, e que é reconhecida diplomaticamente por mais do dobro dos países que reconhecem Israel.

Francisco Javier Alfaya

Francisco Javier, presidente da UNE, conta à Tribuna o que viu no Líbano, em visita à resistência do povo palestino



Crianças de um campo de refugiados palestinos em Beirut.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Ruínas do bairro de Fakhani, como nós as vimos

A luta do povo vista de perto

Nossa viagem durou dez dias, de programação extensa e ultra-intensa. A conversa com Arafat, por exemplo, estendeu-se pela madrugada. Andamos bastante pelo Líbano, onde vivem meio milhão de palestinos, e chegamos a 2 mil metros da fronteira com Israel. Vimos de perto como sofre e como luta este povo admirável.

Para começar, Beirut, nossa primeira escala, é uma cidade dividida ao meio pela guerra civil e a agressão israelense. Uma parte, que inclui o porto, está nas mãos da Falange, um grupo de direita que faz o jogo de Israel. A outra, abarcando o aeroporto, é controlada pelos palestinos e seus aliados libaneses. Nós, naturalmente, chegamos pelo aeroporto... Na "fronteira" entre as duas áreas, há trincheiras, sacos de areia, postos de controle, de lado a lado. Tudo no meio de ruínas, bairros inteiros. Como o bairro de Fakhani, que visitamos, onde fica o QG da OLP, constantemente bombardeado por Israel.

O resto do Líbano também está militarmente dividido (veja o mapa). Inclui uma faixa, ao sul, foi literalmente anexada por Israel, através do testa-de-ferro major Haddad.

O Estado libanês, desmilingüido

Nessa situação, o Estado libanês, pode-se usar o termo tranquilamente, é um Estado desmilingüido. Não funciona. Até o abastecimento de água e luz de Beirut, por exemplo, é feito por um particular, não pelo governo. O trânsito então é uma loucura. Não existem regras nem sinais, quem está com pressa passa tranquilamente para a contra-mão, e ninguém reclama, pois acha que ele deve ter lá os seus motivos.

Para nos acompanhar, a OLP indicou um guia que servia ao mesmo tempo de "segurança" — uma grande figura, com 35 anos de idade e quase 20 de resistência. E culto, falando inglês e francês, com cursos no exterior, inclusive treinamento militar... Ele fora ferido em combate e então a OLP colocou-o nossa tarefa, de guia-segurança.

Foi assim que ficamos conhecendo de perto o povo palestino, que perdeu sua pátria há 34 anos, formou sua organização de resistência há 18 e luta até hoje, dia após dia, usando desde a diplomacia até a guerrilha, para conseguir de volta a terra dos seus antepassados — a Palestina ocupada, como eles chamam o atual território do Estado de Israel.

Terrorismo sionista deixa quatro milhões sem pátria

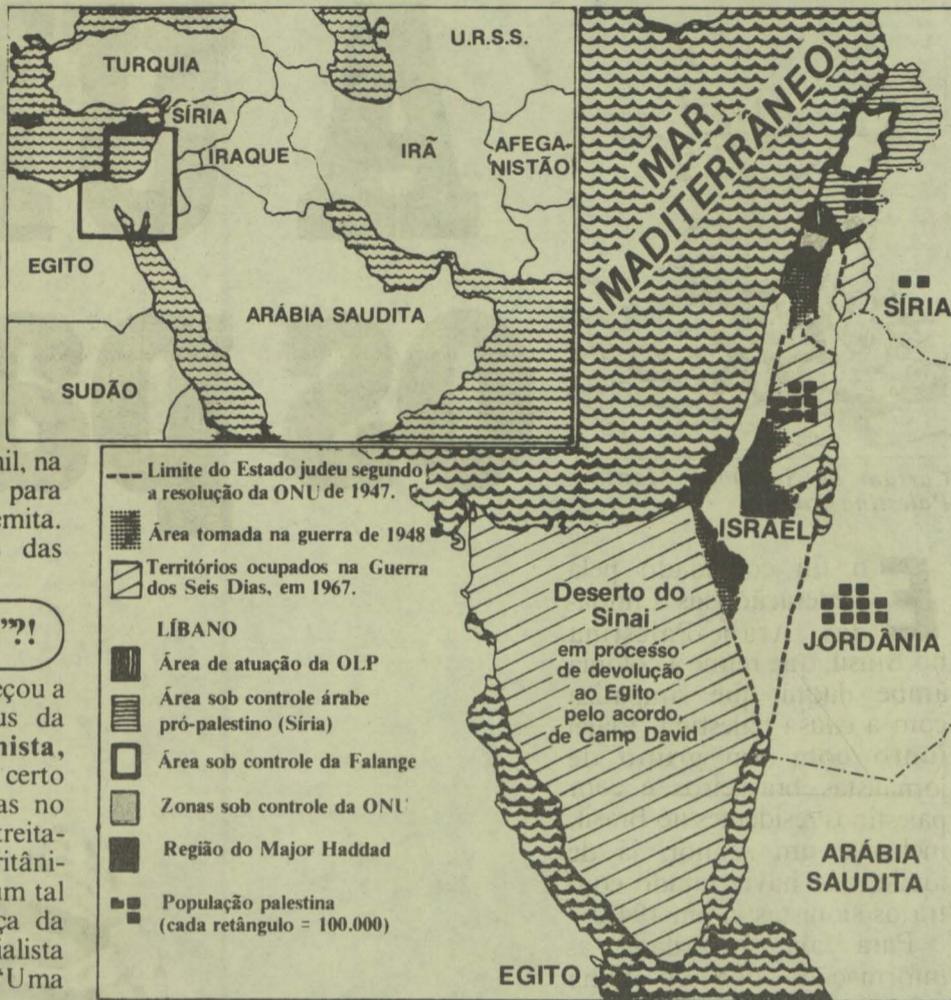
Os sionistas israelenses trataram o povo palestino da mesma maneira que Hitler tratou o povo judeu.

No início do século a Palestina fazia parte do império turco-otomano, mas no fim da I Guerra Mundial a Grã-Bretanha anexou-a ao seu império. Na época, nove em cada dez habitantes da palestina eram árabes. Os judeus não eram mais de 56 mil, na maioria europeus imigrados para fugir da perseguição antisemita. Detinham menos de 2,5% das terras palestinas.

"Uma terra sem povo"?!

Mais ou menos então começou a tomar força entre os judeus da Europa o movimento sionista, inspirado nas idéias de um certo Theodore Herzl, condensadas no livro *O Estado Judeu*. Estreitamente ligado a interesses britânicos, Herzl pretendia fundar um tal Estado como ponta de lança da "civilização ocidental" imperialista no Oriente Médio. Seu lema, "Uma terra sem povo para um povo sem terra", já atestava um caráter anti-palestino. Mas o sionismo voltava-se também contra os trabalhadores judeus da Europa, visando, expressamente, afastá-los dos movimentos grevistas e da luta pelo socialismo.

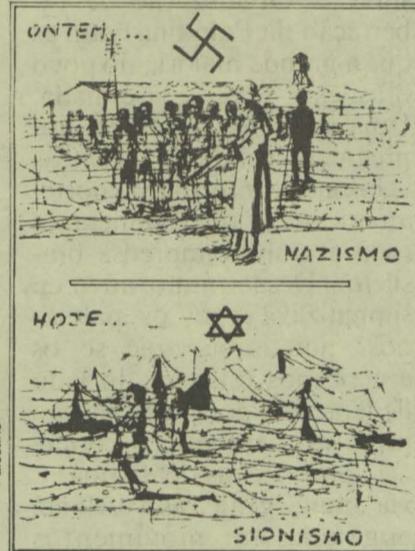
Durante os 30 anos de ocupação britânica, os palestinos foram até à greve geral e à luta armada, em 1936, pela independência. Os ingleses passaram a usar como contrapeso a esta luta o sionismo — que desde 1917 tinha o apoio oficial de Londres.



Depois da II Guerra Mundial e do criminoso genocídio do povo judeu pelos nazistas, o sionismo cresce rapidamente na Palestina, manobrando os imigrantes israelitas que deixam a Europa em grande quantidade, com medo de novas matanças. Já então, não é tanto a Inglaterra, mas sobretudo o imperialismo norte-americano que mostra interesse em criar um Estado judeu ao seu serviço no Oriente Médio.

É nessa época que entra em cena um nome bem conhecido da opinião pública atual — Menahem Beguin. Beguin chefiava um grupo terrorista antipalestino, o *Irgun*. É a palavra terrorista não é força de expressão. Em 1946, ele manda explodir em Jerusalém o hotel "King David", usado como hospital militar. Saldo: 97 mortos. Em abril de 1947, comanda a *Matança de Deir Yassin* — nome de uma aldeia perto de Jerusalém. As vítimas são 254, na maioria mulheres e crianças, mortas a tiros, golpes

A resistência palestina em 1948 (ao lado) e nos dias atuais



Desenho palestino

de sabre ou facadas. Ao encontrar uma palestina grávida, os homens de Beguin apostavam se seria menino ou menina, e em seguida tiravam a dúvida abrindo à faca o ventre da mulher.

Um povo acampado

Assim surgiu o Estado de Israel, reconhecido em 1947 pela ONU, sob pressão dos EUA. E logo começou a fazer seu trabalho sujo, agredindo as fronteiras vizinhas nas guerras de 1948, 1956 e 1967.

Enquanto isso, o povo palestino perdia sua pátria. Expulso em massa, passou a viver em acampamentos, nos países vizinhos. Hoje, os palestinos são mais de 4 milhões (bem mais que a população de Israel), dos quais 1,5 milhão vivem em território ocupado por Israel e os outros no exílio. Uma tragédia só comparável à Diáspora sofrida há 2 mil anos pelo próprio povo judeu.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Acampamentos parecidos com favela

Visitamos alguns acampamentos palestinos em Beirut. E aqui é preciso começar desfazendo a confusão que as agências americanas de notícias veiculam. Os acampamentos não são instituições militares. São favelas. Com casas de lata, de tábuas, às vezes de tijolo, não se distinguem das favelas ou bairros periféricos de uma cidade brasileira. É certo que há uma organização e limpeza maiores. Mas a pobreza é a mesma.

Nesses acampamentos vivem 25 mil, 30 mil, 50 mil pessoas, expulsas de sua pátria pelos israelenses ou das novas gerações, nascidas do exílio. A organização é grande por ser um povo altamente politizado, todo envolvido na luta de libertação, onde se percebe a presença do trabalho coletivo. Os habitantes do acampamento trabalham em empresas mantidas pela própria OLP, ou para patrões libaneses.

As relações entre os palestinos e os libaneses formam um capítulo à parte. A OLP tem um cuidado todo especial para mantê-las no melhor nível possível. Por exemplo: se você é libanês e sua casa é destruída num ataque aéreo israelense, a OLP paga a reconstrução. E é bom dizer que essa estória de que a OLP vive nadando no dinheiro do petróleo árabe é conversa; 70% dos fundos da Organização vêm das contribuições de cada palestino.

Porque a organização

Mesmo sendo um lugar de moradia, respira-se no acampamento o clima do confronto com o inimigo. Os bombardeios são freqüentes, atingindo indistintamente a população civil. Por isso todos recebem um treinamento mínimo de autodefesa — como se comportar durante um ataque aéreo, coisas assim. O trabalho militar é absolutamente voluntário, mas eu percebia que a juventude, sobretudo, participa dele com entusiasmo. Há muitos libaneses, inclusive, que se incorporam à luta guerrilheira. Arafat citou para nós uma frase de John Foster Dulles, de 1956. Ele dizia que o povo palestino é um infeliz, porque a geração que sofreu a expulsão morrerá e a futura geração esquecerá. Pois Dulles enganou-se redondamente. Os garotos nascidos nos acampamentos são muito mais apegados à pátria palestina.

Dulles enganou-se

Mas a OLP é eficaz. Funciona quase como um Estado. Visitei um hospital palestino que é procurado por uma grande quantidade de libaneses inclusive. E vi um convívio tranqüilo entre palestinos e libaneses, entre muçulmanos, cristãos e até judeus do Líbano.

Morto no futebol

A tensão corre toda por conta do agressor israelense. Conheci figuras que marcavam isso com força. Como uma mãe que perdeu seus quatro filhos na luta. Ou um menino que entrou para a guerrilha porque viu um amigo seu, durante uma partida de futebol, ser esfaqueado por uma das "bombas-brinquedo" que os aviões sionistas espalham pelos acampamentos com este fim.



Treinamento militar num campo perto de Beirut; é a juventude que tem mais apego à pátria palestina.

Crianças aprendem a guerra porque nascem à beira dela

Num centro de treinamento militar nos arredores de Beirut, assistimos um menino de três anos e meio se exercitando. Ele corria em círculos por uma pista de areia, aos saltos, e um instrutor corria atrás, atirando para o chão, a menos de um palmo dos pés da criança. E as balas eram de verdade.

Também vimos neste centro de crianças de quatro anos ou até menos de fuzil na mão. Quando perguntamos se aquilo não é prejudicial à nova geração, eles respondem com uma comparação — aliás uma maneira muito palestina de dizer as coisas. Tomemos o filho de um pescador, nascido à beira do mar — dizem. Seu pai não seria um criminoso se não o ensinasse desde cedo a enfrentar as ondas? Pois as crianças palestinas nascem à beira da guerra. Convivem com ela desde os primeiros passos. Precisam aprendê-la.

E mesmo assim este povo mantém sua alegria. Nos próprios centros de adestramento militar, existe uma hora por dia reservada para a música e a dança. Aliás, todas as instituições que visitamos, exceto um hospital, nos apresentaram algum espetáculo artístico. Nas ruas, é uma algazarra. Os anos todos de guerra não mudaram a natureza expansiva e entusiasmada dos palestinos. Deram-lhe até mais vivacidade.



Apresentação de teatro após o treinamento

Líder da UNE palestina virá ao Brasil



Javier com o presidente da GUPS, Nasser Kudwa, (esq.) e o vice

Enquanto escrevo estas impressões de viagem, recebo a notícia de que os estudantes árabes da cidade de Ramallah, na margem ocidental do Rio Jordão, estão há quatro dias lutando, em barricadas, contra a polícia de Israel. Recordo minha entrevista com a direção da GUPS — União Geral dos Estudantes Palestinos, a UNE de lá. É um movimento estudantil diferente do nosso em vários aspectos. Mas programamos muita coisa em comum.

Para começar, por se tratar de um povo no exílio, a GUPS mantém filiais em 33 países, da Ásia, África, Euro-

pa e América. Além disso, atua dentro da Palestina ocupada. A Universidade de Birzeit ficou dois anos fechada pelas autoridades de ocupação, devido à luta dos estudantes palestinos. Reabriu recentemente, mas não durou nem duas semanas e fechou de novo.

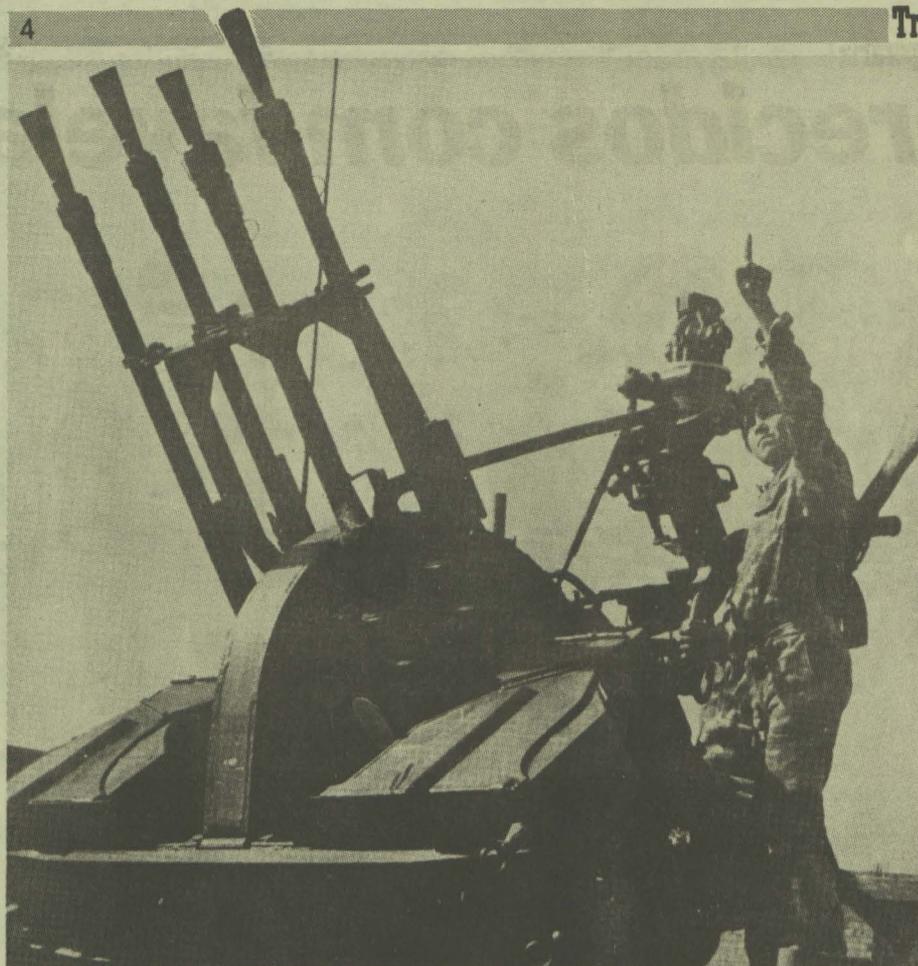
Iniciativa UNE-GUPS

Um movimento assim exige organização elevada. E os diretores da GUPS se orgulham por ter sido ela a primeira organização palestina independente a ser funda-

da, em 1959, seis anos antes da OLP.

Nós acertamos uma série de iniciativas de solidariedade entre a UNE e a GUPS aqui no Brasil. Convidamos o presidente da GUPS, Nasser Kudwa, para visitar o Brasil e brevemente ele virá, fazer uma série de palestras em vários Estados, articuladas com atos, exibições de filmes, exposições sobre a causa palestina e assim por diante. Outro compromisso que assumimos foi de desenvolver uma campanha junto com os médicos residentes e sua entidade, para enviar voluntários que trabalhem no Líbano.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Bateria antiáerea palestina para responder aos bombardeios sionistas ao Líbano.

A guerrilha palestina vista da linha do front

Passamos também dois dias num posto avançado da resistência palestina, em Kherbet Rouha, a 2 quilômetros da fronteira inimiga. E constatamos ali, de perto, toda a hipocrisia das acusações de "terrorismo", feitas pela aliança sionista-americana contra a OLP.

A unidade que visitamos era a Divisão Karama, "A Honra", formada por tropas de elite da OLP. Em 1978, um general israelense invadiu essa região com 50 mil homens, e, cheio de arrogância, convocou uma entrevista de imprensa para a cidade de Sahmar, no Líbano. Graças à Divisão Karama, o general teve que engolir a bravata, dizendo que "não esperava encontrar homens dispostos a morrer".

Ali estávamos a poucos metros da faixa dominada pelo major Haddad, um desertor do exército libanês que vendeu-se a Israel. Abu Salam, comandante de um posto avançado

equipado com veículos blindados, foi o nosso cicerone. E convivemos com seus comandados, um grupo de guerrilheiros de 14 a 20 anos. Numa conversa descontraída, vimos que mesmo os soldados acompanham a cada dia o que acontece no mundo, em El Salvador, por exemplo.

A unidade de Abu Salam simulou, para nós, o ataque a uma posição inimiga. Eles fazem sempre incursões em território de Israel. Penetram a pé, 20, 25 quilômetros, atacam algum alvo militar e retornam, a pé.

A OLP nunca foi terrorista

São ações de fustigamento, e nunca contra alvos civis. Isto que às vezes sai nos jornais, sobre ataques da OLP a ônibus, ônibus escolares até, etc., é mentira, dessas descaradas. Não há nada disso. A OLP tem posição oficial, tomada, contra ações terroristas. E desenvolve todo um trabalho para neutralizar a propaganda hipócrita do imperialismo que, ele sim, apoia um dos maiores terroristas de todos os tempos, que é Menahem Beguin. Isso ficou bem claro para nós.

A luta emancipa a mulher palestina

Para a mulher palestina, a luta de libertação nacional tornou-se um poderoso fator para conquistar a igualdade de direitos. Em 18 anos, ela avançou mais do que nos séculos anteriores, em contraste com a situação opressiva das mulheres na maioria do mundo árabe. No Líbano, 69% da mão-de-obra empregada pela OLP é feminina, com salários rigorosamente iguais aos dos homens. O véu no rosto tornou-se peça de museu. E as palestinas participam em pé de igualdade com seus irmãos até da luta armada contra o inimigo sionista.



"Estamos decididos a lutar, e temos fôlego"

Uma madrugada de conversa com Arafat no QG da OLP

A meia-noite e trinta do nosso último dia em Beirut, fomos conduzidos de surpresa à parte de Fahkani onde fica o QG da OLP, onde conversamos por duas horas e meia com seu presidente, o legendário Yasser Arafat.

Numa sala pequena, no terceiro andar de um prédio cercado de rigorosas medidas de segurança, apareceu-nos um homenzinho sorridente e expansivo, de barba rala e olhos vivos. Eu já o vira discursar e constatar seu carisma extraordinário. Ali, depois de um dia de trabalho duro, ele parecia recém-saído da cama, e até brincou com alguns de nós que estavam com cara de sono. Começou então a entrevista, regada a chá, bebida tradicional dos palestinos. Arafat respondia-nos num piscar de olhos, com uma linguagem cheia de simbolismos, à moda palestina. E começou logo lembrando que "o primeiro guerrilheiro palestino foi Cristo".

Hoje — disse Arafat — Israel ocupa os territórios palestinos, uma parte do Egito, parte do Líbano, parte da Síria, ilhas egípcias... e tem aspirações expansionsitas. O que se pede hoje é que o mundo conheça estes fatos para sustar o apoio a esse novo nazismo, para que o mundo fique ao lado dos palestinos.

Não esqueçam que 60% do nosso povo foram expulsos e 40% ficaram em território ocupado. Entramos no 18º ano de luta. E nossa luta não vai parar. Vocês viram as nossas crianças. Esta revolução não pára, até a vitória. Que o entenda o terrorista Menahem Beguin. E não sou eu quem o chama assim, é a própria Interpol, de acordo com documentos.

Nossa causa é a principal no Oriente Médio, e o Oriente Médio é um problema mundial. Por isso nossa causa pode ter um papel fundamental para a paz no mundo, não só do ponto de vista político, militar e estratégico, mas de todas misturadas. Deve-se entender que respondendo-se o problema palestino, grande parte dos demais problemas se resolverá.

"Esta região é de areia movediça. Já foi ocupada pelos romanos, ingleses... E a terra continua".

Esta região (o Oriente Médio) é de areia movediça. Não me preocupo com um futuro muito longo. Esta região já foi ocupada pelos romanos, fenícios, ingleses... E esta terra continua. O futuro não nos preocupa. Este bando de militares israelenses são estúpidos.

Precisamos de armamentos, principalmente porque enfrentamos as modernas armas dos Estados Unidos. Mas quando lançamos a revolução começamos com fuzis antiquados. E nossas crianças nos territórios ocupados lutam com pedras.

Hoje há em Israel 24 mil presos, de acordo com uma comissão internacional. Passam por interrogatórios 230 mil palestinos, ou seja, 40% de nosso



Arafat discursando no aniversário da OLP

povo nos territórios ocupados. Nós não enganamos nosso povo — dizemos que a luta popular é uma longa luta. Estamos nos preparando para o mais difícil.

"Nós palestinos não lutamos pela guerra, lutamos pela libertação da nossa pátria ocupada".

Nós, palestinos, não lutamos pela guerra, lutamos pela libertação de nossa pátria. Então, nós colocamos duas condições em 1969. Falamos num Estado democrático, onde possam conviver cristãos, muçulmanos, judeus, e isto foi rejeitado. Em 1974 fizemos outra proposta — e foi resolução de nosso Conselho Nacional — de que estamos dispostos a construir o nosso Estado em qualquer território palestino. Queremos uma paz justa e duradoura para o Oriente Médio, que garanta nossos direitos nacionais, nosso direito de autodeterminação, de construir nosso Estado independente e de voltar a nossos lares.

Somos o âmago do problema do Oriente Médio. A força de Israel é uma força importada. Nosso povo está decidido a lutar até a vitória e tem muito fôlego.

Chegou o pornopacote

Golpe imoral ataca o voto de oposição



O general Figueiredo enviou um novo pacote ao Congresso. Quer acabar com o voto de legenda, que nas eleições passadas causou sérias derrotas para o partido do governo.

Página 3

Explosão na fábrica mata 19 em Piquete

Vítimas da IMBEL na página 8

FUNCIONÁRIOS VÃO À GREVE

Cansado do arrocho, o funcionalismo de São Paulo decretou greve para o dia 22, por 140% de reajuste. Página 5

Nicarágua alerta contra invasão da CIA

Reagan prepara exército contra sandinistas. Página 2



Universitários mineiros administram o restaurante

Estudantes tomam os restaurantes

Greve se alastra pelo país. Pág. 5

Seleção brasileira testa seu futebol

O jogo Brasil-Alemanha na pág. 7

Mulher desesperada tenta matar seu bebê

A empregada doméstica Antônia Pereira Lima, de 26 anos, deu à luz na rampa do Hospital das Clínicas do INAMPS. Desesperada com a miséria em que vive, ela atirou o recém-nascido de uma altura de 4 metros, após romper o cordão umbilical com as próprias mãos. Na manhã do dia 16, Antônia

tentou arranjar uma guia de consulta do INAMPS, sem conseguir. Foi trabalhar, mas não suportou as dores e voltou ao INAMPS, onde deu à luz no final da tarde.

"Quería o filho, mas não tinha dinheiro", contou. Apesar da queda, a criança não morreu.

EDITORIAL

Generais contra o voto

O general Figueiredo estendeu novamente a mão, agora para assinar o pacote contra o voto de legenda. O pacote de novembro tinha sido para "defender o papel fundamental dos partidos". O de hoje extingue exatamente o voto dado aos partidos, em favor do voto individual.

O governo procurou por todos os meios dividir os votos oposicionistas em vários partidos. Mas a incorporação do PPA ao PMDB neutralizou em grande parte esta manobra. O governo ainda tenta tirar alguma coisa oferecendo vantagens aos pequenos partidos para torná-los mais viáveis, exigindo em troca atitudes dóceis. E apesar do PDT, do PTB e do PT, aceitarem este jogo sujo, cada um a seu modo, isto não é suficiente para evitar uma derrota esmagadora do PDS nas eleições.

Ao proibir o voto de legenda, o general Figueiredo avança nesta estratégia. Procura impedir que as eleições se transformem num plebiscito, onde de um lado está o governo e de outro a oposição democrática. E que o eleitorado eleja uma plataforma pela liberdade e pela democracia votando em massa no partido que legalmente aparece como o maior desaguadouro da oposição ao regime, o PMDB resultante da incorporação. A velha raposa mineira, Magalhães Pinto, vai ainda mais longe e propõe que, antes da eleição, os partidos sejam dissolvidos. O voto seria em pessoas apenas, com seu caráter oposicionista esvaziado.

Outros pacotes virão. Os generais só toleram eleições se for para o seu partido ganhar. Consideram-se tutores da nação e não admitem que o povo tenha o direito de escolher de fato o governo que deseja. Se apesar de todos os casuísmos sentirem-se ameaçados, marcharão para cancelar as eleições. Os atos institucionais, as torturas, as bombas terroristas, mostram muito bem até onde eles estão dispostos a ir para manter o

poder. Coloca-se como tarefa fundamental mobilizar forças para exigir a realização das eleições de novembro — limpas e sem casuísmos. E lutar taco a taco contra cada restrição, cada pacote e cada manobra, para defender mesmo as menores conquistas democráticas. Não abandonar nenhuma trincheira para que o arbítrio tome conta.

Por outro lado, não se pode perder de vista que esta é uma parte da luta pelo fim do regime. A luta eleitoral e parlamentar não pode esgotar todos os esforços para a conquista da liberdade. O governo, com suas manobras, cada vez mais desacreditado para as massas as instituições do país. E deixa claro que não está disposto a abandonar o Palácio do Planalto mesmo se as urnas revelarem que esta é a vontade do povo. Ao mesmo tempo que mobilizam suas forças para exigir eleições, os oposicionistas não podem depositar nelas todas as suas esperanças.

Em nosso país, de imediato, a contradição mais aguda é a que opõe de um lado o monopólio do poder político pelos generais e de outro as grandes massas populares, os democratas, os patriotas e até setores das classes dominantes. Se os generais tramam pacotes sobre pacotes, se ameaçam cancelar as eleições ou até permanecer no poder mesmo que o povo manifeste nas urnas o repúdio ao regime, é oportuno que as forças democráticas também analisem as alternativas para fazer valer a vontade da esmagadora maioria dos brasileiros.

Com o avanço da crise, maiores serão as atitudes arbitrarias dos donos do poder. Diante dos fracassos, ficam por um lado mais isolados mas por outro mais violentos. Em contrapartida, a oposição pode apresentar a ampliação de suas fileiras e o fortalecimento de sua unidade. Unidades de luta pela liberdade e pelo fim do regime militar.



A passeata do funcionalismo teve o apoio da população

Cobradoras de ônibus do Rio escrevem denunciando exploração e discriminação que sofrem

Centro de Documentação e Memória Fundação Moura e Lobo

Em Minas latifúndio explora crianças

Problemas sociais põe em risco a vida dos mineiros. Pág. 4



Reagan sofre nova derrota da guerrilha salvadorenha

Na semana passada a explosiva crise de El Salvador continuou no centro das atenções. As forças democráticas agrupadas na FDR e os guerrilheiros da FMLN conquistaram importantes vitórias. Já a Junta Militar e o governo norte-americano sofreram reverses vergonhosos.



O guerrilheiro que desmascarou os EUA

Um dos golpes mais duros atingiu o governo Reagan em plena capital dos Estados Unidos. O governo norte-americano anunciou uma entrevista coletiva em Washington onde ia provar o envolvimento de Cuba e Nicarágua na guerrilha salvadorenha. A prova era um soldado nicaraguense preso em El Salvador: Tardencillas Orlando Martinez, de 19 anos, que teria confessado haver sido treinado em Cuba e na Etiópia.

SOBERANIA VIOLADA

Para início de conversa, a própria realização da coletiva em Washington era uma violação frontal à soberania salvadorenha. Por que o Departamento de Estado americano dispõe até dos prisioneiros de El Salvador? Mas o tiro saiu pela culatra, diante das câmaras de TV.

Tardencillas negou qualquer treinamento no exterior, afirmou que havia tomado uma decisão própria como revolucionário, de ir lutar em El Salvador. Disse que não viu nenhum outro estrangeiro nas forças guerrilheiras e ainda denunciou que fora torturado e ameaçado de morte para fazer as "confissões" anteriores, na televisão salvadorenha.

A peça montada pela Casa Branca foi um vergonhoso fiasco. No final da história, o governo Reagan não sabia onde meter a cara, enquanto Tardencillas, repatriado para a Nicarágua, era recebido como herói.

SÉRIE DE DERROTAS

O caso do prisioneiro nicaraguense foi apenas a primeira de uma série de derrotas que a política do imperialismo norte-americano sofreu na semana. O parlamento europeu aprovou uma moção apoiando o plano de paz do presidente mexicano, Jose Lopes Portillo, para a América Central, condenando a política norte-americana para El Salvador e contestando a legitimidade das "eleições" convocadas para o dia 28. Em Genebra a Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas aprovou uma resolução pedindo o adiamento das eleições salvadorenhas até o estabelecimento de mínimas condições democráticas. O documento foi aprovado com 25 votos a favor e 5 contra, entre os quais o Brasil. E em Washington o governo americano, com medo de sofrer nova derrota, adiou a votação de uma resolução na Câmara dos Representantes pedindo o fim da ajuda militar a El Salvador.

Enquanto isso, as forças guerrilheiras salvadorenhas iniciaram uma espetacular ofensiva militar em todo o país. Pela primeira vez a FMLN atacou a capital San Salvador em plena luz do dia, enfrentando as forças governamentais nos bairros periféricos de Mejicanos, Villa Delgado e Custancingo. Um destacamento guerrilheiro atacou inclusive o quartel de San Carlos, quase no centro da capital, a poucas quadras do palácio presidencial.

O que se fez até agora é só o começo

O movimento de solidariedade ao povo salvadorenho começa a pegar embalo no Brasil. Interesse não falta. Dia 12, em São Paulo, 2 mil pessoas aplaudiram com entusiasmo dois representantes dos revolucionários da FDR-FMLN. Espalham-se os debates, exposições, atos de protesto.

Enquanto isso os EUA enviam ao Brasil um general após outro, para envolver-nos numa intervenção armada. Depois do gen. McEnery veio o gen. David Jones, presidente da Junta americana de chefes de estado-maior. O ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos, ao condecorar Jones dia 15, disse que "a política externa norte-americana serve ao Brasil".

Já na reunião da Comissão de Direitos Humanos da ONU, dia 10, o representante brasileiro votou contra a condenação da farsa eleitoral deste mês em El Salvador. Preferiu perder a votação e ficar na má companhia dos EUA, Argentina, Uruguai e Filipinas.

Conclusão: sem uma forte pressão das forças antiimperialistas brasileiras, o governo terminará servindo às aventuras guerreiras de Reagan. Ou, em outras palavras: o que se fez até agora tem que ser só o começo.



Mesmo as crianças se mobilizam para defender a Nicarágua de uma invasão

Nicarágua alerta contra ação da CIA

Planos da CIA para intervir militarmente na Nicarágua foram denunciados pelo jornal Washington Post. Segundo o jornal, o governo Reagan aprovou em fins do ano passado um plano que incluía a formação de uma força de invasão para-militar de 500 latino-americanos, com uma verba de 19 milhões de dólares. Esta força pode ser ampliada por outros comandos de até mil homens, já em treinamento na Argentina.

Para preparar terreno para esta ação militar, o governo Reagan iniciou uma campanha de difamação onde descreve o governo nicaraguense como um títere dos soviéticos na América Central. Apresentou, então, uma série de fotos aéreas de instalações militares que comprovaria a escalada cubana e

soviética na Nicarágua. Mostrou também fotos de uma aldeia de índios miskitos destruída "pelos sandinistas". Depois se descobriu que o massacre, na verdade, foi cometido pelas forças de segurança do ditador Somoza, quando este estava no poder, apoiado pelos EUA.

A situação na Nicarágua é bastante tensa e grave. O governo sandinista exortou a população a fortalecer a defesa civil, econômica e militar, e decretou o estado de emergência. A Central Sandinista dos Trabalhadores, com 200 mil filiados, já anunciou estar pronta para defender o país. A intervenção americana, se ocorrer, poderá ser um fracasso como o de 1962, quando os EUA invadiram Cuba.

Choques de rua na Bélgica e greves em vários países

As ruas de Bruxelas, na Bélgica, transformaram-se num verdadeiro campo de batalha entre 10 mil metalúrgicos e tropas da polícia, que usaram bombas de gás e canhões de água. Em Portugal, prossegue a greve dos 24 mil ferroviários.

Cerca de 10 mil metalúrgicos belgas, principalmente das cidades de Liège e Charleroi, concentraram-se dia 16, em frente ao parlamento em Bruxelas, exigindo medidas do governo para evitar o aumento do desemprego, que já atinge 13% da mão de obra, o maior da Europa. Devido à crise econômica, as grandes empresas metalúrgicas destas cidades ameaçam fechar suas portas. Contra a repressão policial, os operários reagiram com garrafas, pedras e pedaços de aço atirados com estilingue.

24 MIL EM PORTUGAL

Em Portugal, desde 15 de fevereiro 24 mil ferroviários já paralisaram um total de 200 horas de trabalho. As ligações ferroviárias

estão quase totalmente paralisadas - afetando o transporte de aproximadamente 585 mil pessoas por dia, além das cargas. Caminhões militares foram convocados para substituir os trens de carga. E tropas ocuparam o entreposto de Vilar Formosa, para liberar mercadorias detidas a vários dias. Os trabalhadores exigem melhores salários.

LONDRES: GREVE GERAL

Na Inglaterra, no dia 10, deste mês, foi decretada a primeira greve geral dos transportes coletivos de Londres desde 1926. A greve foi convocada pelos sindicatos, para exigir do governo providências contra os elevados preços das passagens. Londres é uma das cidades de transportes coletivos mais caras do mundo - e já foram anunciados aumentos para este mês.

GREVE NA ITÁLIA

Também na Itália uma greve paralisa os transportes aéreos, decretada no dia 16. Vários vôos nacionais e internacionais foram anulados. Os trabalhadores exigem novos contratos de trabalho.

Caos econômico na Argentina leva trabalhadores às ruas

É visível na Argentina um reerguimento da luta dos trabalhadores contra a superexploração e o terror impostos pelo regime militar. No próximo dia 24, data do sexto aniversário do golpe fascista na Argentina, a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) está convocando uma jornada "comemorativa" que levará milhares de assalariados às ruas do centro de Buenos Aires. Seu objetivo é protestar contra a política econômica do governo, que tem como cabeça o ministro da Economia, Alemann.

O movimento sindical deste país não tem se intimidado frente aos constantes ataques da repressão. O próprio anúncio da Jornada coincidiu com a prisão de 40 ativistas sindicais em Mar Del Plata. Mas isto não desmobilizou a con-

vocação do ato, que promete ser resposta à altura aos militares.

Todo este vigor do movimento dos trabalhadores é facilmente explicado. Sua principal motivação está na própria política econômica do governo dirigida pelo presidente-general Leopoldo Galtieri. No ano passado esta orientação econômica causou uma queda no Produto Nacional Bruto de 6,1% e uma queda na produção industrial de 16%, os mais baixos e preocupantes índices desde o golpe. O descontentamento com a atual situação do país já chegou até aos empresários e aos próprios donos do governo, os militares que têm se desgastado publicamente, demonstrando que a cada dia que passa perdem ainda mais o controle da situação.

Eleições na França mostram insatisfação com Mitterrand

As forças de direita ganharam terreno nas eleições municipais francesas. Na verdade houve um empate entre a coligação encabeçada pelo Partido Socialista, de Mitterrand, e os partidos de direita. Mas isto significou uma queda da coalisão governamental, que havia conseguido 56% dos votos nas eleições legislativas em 1981, e agora ficou com 49,9%.



Mitterrand perde prestígio

Embora o principal responsável pela quebra da votação seja o PC revisionista de Georges Marchais, que passou de 22,5% em 1979 para 15,9% agora, a eleição revela a crescente desilusão dos franceses com o governo de Mitterrand. Um governo que diz socialista mas tem uma

política que não controla o desemprego, que já passa dos 2 milhões na França. E que barganha com os interesses do povo palestino, em conversações a portas fechadas com o governo terrorista de Israel.

Empresas à beira da falência nos Estados Unidos em crise

Nos Estados Unidos a crise econômica continua se agravando. Apesar dos esforços de Reagan para criar um clima agradável ao investimento privado, uma pesquisa realizada entre as 500 maiores empresas norte-americanas revelou que estas vão investir menos quase 3% este ano: em função das dificuldades eco-

nômicas. Ao mesmo tempo vários economistas do setor privado anunciaram que inúmeras empresas estão à beira da falência, o que poderá afundar o país definitivamente numa depressão.

"É terrível. Depressão é uma palavra que ninguém usaria há seis meses atrás", observou o principal analista econômico da Companhia Nova-Iorque de Investimentos Aubrey Lantson, David Jones.

Também é previsto um déficit orçamentário de 100 bilhões de dólares em 1983, o que é admitido pelo próprio governo. Estas dificuldades alimentam ainda mais a agressividade do imperialismo norte-americano.



Reagan em dificuldades

Assine a Tribuna Operária

Ditadura da Guatemala mata após farsa eleitoral

O Congresso guatemalteco formalizou a nomeação do general Anibal Guevara à presidência da República, depois da gritante fraude eleitoral do dia 7 de março (ver Tribuna número 61). Pela Constituição da Guatemala, o Congresso fantoche é incumbido de escolher o vencedor quando nenhum dos candidatos consegue 51% dos votos. Assim foi consumada a farsa com a nomeação, ratificada por 39 a 13 votos.



Tanques e soldados na farsa eleitoral guatemalteca

Uma manifestação de protesto convocada pelos demais candidatos direitistas, derrotados dias após o pleito, foi brutalmente reprimida e até os repórteres das grandes agências de notícias internacionais foram espancados a golpe de fuzil. Intimidados pela ação governamental, os políticos direitistas de "oposição", encabeçados pelo fascista Sandoval Alarcos, que antes ameaçavam levar o país a uma "guerra civil" caso a fraude fosse ratificada, agora decidiram cancelar todos os planos de manifestações de rua.

E enquanto a verdadeira oposição, encabeçada pela União Nacional Revolucionária da Guatemala (UNRG) leva a luta revolucionária aos quatro cantos do

país, o regime militar, com Guevara à frente, intensifica sua política genocida contra o povo. Duzentos índios morreram decapitados por forças de segurança em quatro povoados da cidade de Zacualpa, província de Quiché, no norte da Guatemala. Esta província é uma das regiões de mais intensa atuação das forças guerrilheiras. A notícia do massacre foi dada pelo próprio Secretário Municipal de Zacualpa, em telegrama enviado à polícia nacional em Santa Cruz de Quiché, capital da província. O Exército desmentiu a informação e proibiu, "por medidas de segurança", que jornalistas visitassem os povoados onde os índios foram degolados.

Na disputa com a URSS os EUA pressionam a Líbia

Continuando sua política agressiva no Oriente Médio, o presidente dos EUA, Ronald Reagan, acaba de impor sanções econômicas à Líbia do coronel Muammar Kadhafi. O governo de Washington decretou a proibição total da importação do petróleo da Líbia e a exportação àquele país de todos os produtos norte-americanos, menos alimentos e remédios.

O boicote tem mais um efeito político do que econômico, já que os EUA só importam da Líbia 3% do petróleo que compram no exterior. Por sua vez, Kadhafi não deixou por menos e respondeu que não hesitará em pedir ajuda da União Soviética no caso de ataque militar norte-americano, acrescentando que o boicote "poderá provocar a terceira guerra mundial que destruirá a Europa". Nesta disputa entre as duas superpotências quem sofre mais uma vez é o povo árabe.

Conheça as publicações da Editora Anita Garibaldi:

- 1) Princípios - Cr\$ 150,00
- 2) O Imperialismo e a Revolução Enver Hoxha - Cr\$ 400,00
- 3) Farabundo Martí - Herói do Povo de El Salvador - Jorge Arias Cr\$ 100,00
- 4) O Revisionismo Chinês de Mao Tsé-Tung - João Amazonas Cr\$ 600,00
- 5) Os Comunistas e as Eleições V.I. Lênin - Cr\$ 200,00
- 6) Agenda da Mulher - (esgotada)
- 7) Relatório ao 8º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia Enver Hoxha - Cr\$ 500,00

No Prelo:
Em Defesa da Liberdade e da Democracia Popular
João Amazonas
A Organização Comunista Diógenes Arruda Câmara

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - CEP 01318 - Bela Vista São Paulo - SP.

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, CEP 01318.

Telefone: 36-7531 (DDD 011)

Telex: 01132133 TLOP BR

Jornalista responsável: Pedro Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.

Sucursais:
Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A Pça da Saudade, Caixa Postal 1439. Manaus - CEP 69000. **Paraíba:** Rua Anísio de Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. **Maranhão:** Rua 7 de Setembro, 375 - Ce. J - São João - CEP 65000. **Piauí:** Rua David Caldas, 374 - sala 306 Sul - Teresina - CEP 64000. **Ceará:** Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza CEP 70000. **Paraná:** Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa CEP 58000 - Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. **Pernambuco:** Rua 7 de Setembro, 42 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. **Alagoas:** Rua Cincinato Pinto, 183 - Maceió - Centro - CEP 57000. **Sergipe:** Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. **Bahia:** Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Camaçari - CEP 42800. **Minas Gerais:** Rua da Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel. 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345-355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares - 3º andar - sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. **Goiás:** Av. Goiás, 657 - sala 209 - Centro - Goiânia - CEP 74000 - Tel. 225-6689. **Distrito Federal:** Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul Brasília - CEP 70317. **Mato Grosso:** Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tels.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. **Espirito Santo:** Av. Getúlio Vargas, 247 sala 705 - Vitória - CEP 29000. **Rio de Janeiro:** Rua da Lapa, 200 - sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. **São Paulo:** Rua Marechal Deodoro, 943 - Centro - Campinas CEP 13100. Rua José Pinto Almeida, 1378 - Piracicaba - CEP 13400. **Paraná:** Av. Wilson Churchill, 2030 - Pinheirão, Curitiba - CEP 80000. **Rua Sergipe** - salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. **Rio Grande do Sul:** Rua General Câmara, 52 sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montauri, 658 - Landar sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100.

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjés, Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone: 531-9900 - São Paulo.

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Desejo receber em casa uma assinatura da Tribuna Operária. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

De apoio Anual (52 ed.) 3.000,00; semestral (26 ed.) 1.500,00;

Comum Anual (52 ed.) 1.500,00; semestral (26 ed.) 750,00.

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____

Fone: _____

Profissão: _____

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Pai da censura vai para o Supremo Tribunal Federal

Em 1971, Alfredo Buzaid dizia abertamente: "Ai de nós se não houvesse os Atos Institucionais". Hoje, pela mobilização em massa dos biônicos, o governo impôs ao Senado a aprovação deste velho simpático do fascismo como membro do Supremo Tribunal Federal. Será o início da "cruzada" do general Figueiredo?

O próprio jornal O Estado de S. Paulo assim se refere ao novo membro do STF: "Velho simpático das teses fascistas e nazistas, anticomunista ferrenho, inimigo jurado da liberdade de expressão, para o jurista Alfredo Buzaid a liberdade e a democracia só tinham sentido adjetivadas e restritas". Para caracterizar a atuação buzaidiana durante sua gestão no ministério da Justiça, no governo Médici, o mesmo jornal diz que foi uma prática constante de "luta contra os fatos".

O governo vive reafirmando que jamais pensou em interferir no Poder Judiciário, o que é contestado frequentemente por personalidades democráticas e principalmente pelos fatos. Mas e agora, como considerar do ponto de vista da Justiça, a nomeação de uma pessoa

com uma história tão abertamente comprometida com o arbítrio como Alfredo Buzaid?

Velho integralista, pai da censura prévia no Brasil, defensor intransigente dos atos institucionais, participante do Congresso da Liga Mundial Anticomunista realizado em 1975 no Rio, e mais recentemente defensor dos Lufalla num escândalo público ligado à apropriação de verbas oficiais, o que justifica sua nomeação para o mais alto posto do Poder Judiciário? Como pode alguém com um mínimo de bom-senso acreditar na imparcialidade de um Tribunal com esta presença? E coincidentemente, ao mesmo tempo que ele entra para o STF, o general Figueiredo lança a sua "cruzada" pelos bons costumes, sinônimo de censura.



Ivete pede a Ackel ajuda ao PTB...



...seguido o exemplo de Brizola

PDS procura cúmplices nos pequenos partidos

O governo procura por todos os meios dividir a oposição. Depois da mais recente derrota desta política, com a incorporação do PP ao PMDB, passou a oferecer vantagens aos pequenos partidos para realizar este objetivo. E tem encontrado quem aceite este jogo sujo.

No dia 12 deste mês o ministro Abi Ackel recebeu o presidente do PDT, Leonel Brizola, e no dia 16 Ivete Vargas, do PTB. Mesmo sabendo o que representam estes "diálogos", o mínimo que se esperava de presidentes de partidos que se dizem de oposição, é que defendessem uma plataforma democrática. Mas o que se viu foi uma vergonhosa mendicância de migalhas para os seus próprios agrupamentos políticos e nada mais. Ou seja, aceitaram os "30 dinheiros" que o governo ofereceu.

A coisa mais significativa que formularam foi o pedido de cancelamento da exigência de 5% dos votos nas eleições, distribuídos por nove estados do país, para a legalização definitiva dos partidos. Nem mesmo sobre o pacote eleitoral e sobre o fim da legislação arbitrária que impede a livre organização partidária eles se manifestaram. Não é à toa que Abi Ackel considerou suas propostas "muito produtivas".

E o PT, embora com outra linguagem, faz o mesmo jogo. Seu representante no Congresso, deputado Ayrton Soares, concentra cada vez mais seus ataques contra a oposição. Chegou a dizer que em certos lugares "o PT vai disputar mais com o PMDB do que com o PDS". E no dia 10, comunicou oficialmente ao presidente da Câmara Federal o desligamento do PT do bloco parlamentar da oposição, e por isto pediu a extinção da função do líder da minoria na câmara.



Ayrton diferencia o PT da oposição

O PT "livre" para dividir oposição

A luta contra os casuísmos é assunto de cada partido ou é uma exigência geral da luta democrática? Para o deputado Ayrton Soares, como a manobra da prorrogação dos prazos de mudança de partido para os membros do PMDB "não atinge o PT", isto pode ser "até benéfico", porque ajuda a identificar os oportunistas!

Prosseguindo neste "amaciamento", o PT comunicou no plenário do Congresso que se desligou do bloco parlamentar da oposição. Quer ficar livre para criticar o governo e a oposição, e atuar, no entender do deputado Ayrton Soares, "de forma independente". Ou seja, o PT se sente livre para fazer frente em cada caso concreto, ou com a oposição ou com o governo, "sem compromissos". Esta falsa "independência" não serve aos trabalhadores e sim à divisão das forças democráticas. A classe operária tem compromisso com a unidade e com a luta contra o regime.

Figueiredo ataca de "pornopacote"

Depois de pregar uma "Cruzada pela Moralidade", o primeiro gesto concreto do general Figueiredo foi assinar o "pornopacote" visando acabar com o voto de oposição. Em novembro o general se vestiu de defensor dos partidos políticos. Mas para atender às necessidades do PDS dá agora o dito por não dito e investe contra a consolidação dos partidos.

A "bomba" prometida na semana passada pelo Senador Nilo Coelho, líder do PDS explodiu no último dia 17. O general Figueiredo enviou ao Congresso Nacional mais um conjunto de casuísmos que visam impedir a oposição de ganhar as eleições em novembro de 1982. O novo "pacotinho", ou "pornopacote", como o batizou o líder do PMDB Odacir Klein, prevê o fim do voto de legenda, o que torna nula a cédula onde o eleitor indica apenas a sigla do partido de sua preferência, sem escrever o nome do candidato; e a ampliação (de 30 para 180 dias) do prazo para os integrantes do PMDB "os descontentes com a incorporação do PP", deixarem o partido. Esta medida, que só atinge o PMDB, ainda dá a chance aos desertores de se candidatarem às eleições.

Votos de legenda nas eleições de 1978

| Estado | Arena | MDB |
|---------------------|---------|-----------|
| Rio de Janeiro | 54.079 | 198.217 |
| Minas Gerais | 46.720 | 134.681 |
| Bahia | 20.128 | 33.564 |
| Mato Grosso | 3.247 | 3.155 |
| Piauí | 4.497 | 3.904 |
| Maranhão | 17.582 | 6.125 |
| Rio Grande do Sul | 39.726 | 81.771 |
| Paraná | 27.612 | 44.535 |
| Goiás | 24.091 | 40.249 |
| Pernambuco | 12.400 | 17.820 |
| Ceará | 8.312 | 4.480 |
| Sergipe | 3.578 | 1.455 |
| Rio Grande do Norte | 4.483 | 2.972 |
| Paraíba | 6.834 | 3.460 |
| Alagoas | 3.118 | 2.062 |
| Amazonas | 5.555 | 8.991 |
| Pará | 14.249 | 18.930 |
| Roraima | 24 | 33 |
| Amapá | 177 | 266 |
| Rondônia | 290 | 947 |
| Santa Catarina | 14.176 | 17.336 |
| Espírito Santo | 6.186 | 11.799 |
| Mato Grosso do Sul | 3.759 | 7.623 |
| São Paulo | 198.921 | 1.278.863 |
| BRASIL (1978) | 498.061 | 1.974.769 |
| BRASIL (1974) | 412.492 | 1.375.862 |

grande no Congresso Nacional. O senador Humberto Lucena, líder do PMDB, falando em nome do partido responsabilizou o general Figueiredo "pela radicalização do processo político, pois está cortando as possibilidades de diálogo no meio político". E concluiu: "Estamos perplexos, revoltados e irritados com essa fúria antidemocrática perpetrada ditatorialmente contra o povo e o Brasil".

Governo radicaliza na sua fúria antidemocrática

Até no PDS existem descontentes, principalmente parlamentares do Norte e Nordeste que acham que o voto de legenda beneficia o partido governista em seus Estados. Há esperanças de que estes deputados votem contra o novo pacotinho.

Depois de mais este pacote só os muitos ingênuos manterão ilusões nas promessas de Figueiredo. Os militares não querem sair do poder e cometem todas as imoralidades para dar vitória ao PDS, sua pilastra no Parlamento. Surpreendente será se após todas estas medidas casuísticas — vinculação de votos, proibição de coligações, fim do voto de legenda — não aparecerem novos pacotes.

Em 1978 a oposição teve dois milhões de votos de legenda

O objetivo do novo pacote é mais claro que o do antigo. Visa atingir a oposição e, como disse o próprio Ministro da Justiça Abi Ackel, é fruto de "sugestões formuladas pela direção nacional do PDS", o beneficiário maior da medida. Quanto ao voto de legenda, os militares ainda têm constantes pesadelos ao lembrar que nas eleições de 1978 o antigo MDB conseguiu, só em São Paulo, 1 milhão e 300 mil para sua legenda, enquanto a Arena teve apenas 183 mil. (veja a tabela) Isto demonstrava claramente o descontentamento do povo com o governo, que, plebicitariamente, votava na oposição. Daí o fim do voto de legenda.

Quando à ampliação do prazo, o governo alega que é para "dar liberdade" para os descontentes com a incorporação do PP ao PMDB escolherem novos partidos. Já o cínico Maluf disse logo o verdadeiro objetivo deste casuísmo: tentar corromper parlamentares neste período. Maluf chegou a prometer ao general Figueiredo que puxará do PMDB "pelo menos 25 deputados federais", o que demonstra sua fé na corrupção.

O descontentamento com o pacote foi



Aldo Arantes conclamou a união do povo no Bloco Popular

Encontro do Bloco Popular reúne mais de 500 em Goiás

Mais de 500 pessoas participaram do Primeiro Encontro Estadual do Bloco Popular do PMDB de Goiás, dias 13 e 14, em Goiânia. O encontro reuniu, sob o lema "Terra, Trabalho, Liberdade e Independência Nacional", posseiros rurais e urbanos, pequenos e médios produtores, trabalhadores, estudantes, professores, deputados e senadores. Todos contribuíram para elaborar a política de organização e finanças do Bloco Popular.

Euler Ivo Vieira, candidato a vereador afirmou que "o Bloco Popular é o povo pobre e sofrido do interior e capital, todo aquele que, dentro do PMDB, se posiciona de fato em defesa da liberdade, dos

interesses nacionais e populares. Isto é necessário porque o PMDB é uma frente que possui democratas e reacionários, patrões e empregados".

Aldo Arantes, eleito coordenador geral do Bloco Popular, encerrou o encontro dizendo ao candidato a governador pela oposição, Iris Resende, que "o Bloco Popular o apoiará resolutamente no compromisso público já assumido de entregar os títulos de propriedade das terras devolutas aos camponeses sem terra, aclama sua promessa de jamais utilizar a polícia contra o povo". O candidato a deputado federal disse ainda que o Bloco Popular permanecerá depois das eleições.

(da sucursal)

Superbanqueiro americano elogia recessão brasileira

Em 13 de março o chefe do Banco Mundial, o americano Alden Clausen, terminou sua visita ao Brasil. No último dia passou na baía da Guanabara, à bordo do iate do bilionário Matarazzo, e ocupou duas suítes no também bilionário Hotel Meridien. Tinha motivos para estar contente. Afinal, o general Figueiredo estava aplicando, ao pé da letra, a política recessiva ordenada pelos banqueiros internacionais.

Além dos elogios a visita não trouxe grandes empréstimos. O grande apoio ao Proálcool e ao Projeto Carajás não aconteceu. Clausen visitou projetos alcooleiros por terra e ar, disse que teve "excelente impressão", mas não soltou a grana. A segunda parcela de empréstimo para o álcool - de 250 milhões de dólares - só será liberada em 1984. Isto demonstra que as multinacionais estão querendo adiar o Proálcool.

Clausen não quis manifestar o apoio do Banco ao pro-

jeto Carajás. Mas a posição dos trustes financeiros ficou bem clara num artigo escrito por Basil Caplan para a revista londrina *The Banker*, na sua última edição de 1981. Este periódico - porta-voz do Banco Mundial e dos grandes bancos internacionais - é mais esclarecedor do que as declarações públicas de Clausen. Entusiasmado com o tamanho de Carajás o artigo da revista se define: "O investimento exigido é gigantesco... O principal obstáculo é a inaccessibilidade do local e a ausência de infraestrutura. Esta terá de ser implantada, antes do capital estrangeiro necessário tornar-se disponível."

Não é à toa que Clausen não está se definindo. Essa demora é uma forma de pressão. Os banqueiros esperam que o governo e as estatais gastem rios de dinheiro nas obras de infraestrutura. Ai sim aparece o capital estrangeiro para ficar com o filé mignon.

(Luiz Gonzaga)

O governo no dilema entre mini ou maxidesvalorização

Uma nuvem ameaçadora escurece a atividade econômica. Será que o governo fará uma grande desvalorização do cruzeiro? Se fôssemos nos basear no câmbio negro, a resposta seria sim. O dólar oficial está a 145 cruzeiros mas no mercado negro passa de 210 cruzeiros. Todos falam numa possível queda violenta do cruzeiro - a maxidesvalorização.

Num momento tão grave para a economia brasileira, chega até a ser cinismo discutir o que é melhor, o cruzeiro ir caindo pouco a pouco - a chamada minidesvalorização usada desde 1968 -, ou levar uma rasteira, como aconteceu com o "pacote econômico" de dezembro de 1979. A taxa de câmbio é uma das medidas da força e da independência de um país. Ela mede o poder aquisitivo da moeda de um país em relação às outras. É lógico que quando uma moeda é corroída pela inflação, a taxa de câmbio tem que ser reajustada, descontando a diferença entre a inflação dos outros países.

IMPORTANDO INFLAÇÃO

Acontece que nos últimos 10 anos o mundo esteve imerso numa das maiores crises do capitalismo em todos os tempos. O próprio dólar, devido a grande inflação dentro dos Estados Unidos, teve uma perda de 200% em seu poder aquisitivo. A cotação do cruzeiro foi vergonhosa, só baixou; sua desvalorização foi de 3.200%. A comparação é dolorosa. O cruzeiro ficou 15 vezes mais fraco que o dólar.

A dívida externa é hoje a mola mestra da nossa desvalorização cambial. Estamos tão endividados que os ministros correm de chapéu na mão, pedindo dinheiro nas praças internacionais. Temos que

pagar bilhões de dólares em prestações e juros da dívida e para isso temos que arranjar divisas. O método usado pelo governo é exportar ao máximo para conseguir os dólares necessários.

O predomínio das exportações leva a dois fenômenos terríveis para os trabalhadores: a desvalorização cambial e os incentivos fiscais.

O cruzeiro se desvaloriza para que os produtos brasileiros possam competir no mercado mundial. Mas essa é uma medida perigosa. Se o preço dos produtos exportados cai é inevitável que o preço dos importados aumente. Essa política é uma fonte de inflação, é a mesma coisa que importar inflação. Em nosso país, dependente de máquinas, tecnologia, matérias primas e até mesmo alimentos estrangeiros, os produtos importados exercem grande influência sobre a inflação interna.

O outro truque é o incentivo fiscal aos exportadores. Estes deixam de pagar impostos e recebem prêmios tirados do dinheiro público. O primeiro resultado é um aumento geral nos preços que também é uma fonte de inflação, de aumento geral nos preços. Outra dificuldade dos incentivos é o combate que eles recebem dos países desenvolvidos. As grandes potências capitalistas e os outros concorrentes do mercado fazem pressão contra os incentivos que são chamados de "protecionismo".

DIFÍCIL DILEMA

O governo segue o caminho do entreguismo e agora ficou num dilema: ou continua com os incentivos e continua com as minidesvalorizações cambiais, ou entra os incentivos e ataca com a maxidesvalorização. Ou mata o cruzeiro com uma porção de facadas nas costas ou com um tiro no peito.



A candidatura de Aldo conta com apoio do eleitorado jovem (foto menor) com o senador Teotônio.

Apoio à candidatura de Aldo Rebelo reúne 2 mil

Com a presença de inúmeras caravanas do interior do Estado e da periferia de São Paulo, foi lançada a candidatura do ex-presidente da UNE, Aldo Rebelo, a deputado federal. Aldo integra o bloco de candidaturas populares de São Paulo, com um programa combativo e democrático.

Cerca de 2 mil pessoas lotaram o TUCA, no último dia 13, no lançamento da candidatura de Aldo Rebelo, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes, para deputado federal. Até uma bateria de escola de samba, da Freguesia do Ó, compareceu ao ato. O senador Teotônio Vilela, conferenciou de Aldo, veio de Alagoas especialmente para apoiar o jovem candidato. "A história precisa de protagonistas, e é muito importante que um jovem estudante, como Aldo, filho de trabalhadores de Vicososa, vá para a Câmara Federal, ser porta-voz dos anseios e lutas da juventude". Além do povo, muitas personalidades políticas compareceram ao ato, como

Javier Alfaya, atual presidente da UNE, o presidente do PMDB paulista, Mário Covas, o ex-ministro Almino Afonso, o deputado Aurélio Peres, o vereador Benedito Cintra, a representante do Movimento Contra a Carestia, Ana Maria Martins, e o presidente da UEE de São Paulo, Carlos Oliveira.

NECESSIDADE PRELENTE

Renato Rabelo, que já foi dirigente da UNE, afirmou que "candidaturas como a do Aldo são importantes para o movimento popular e operário, pois contribuem para que aumente a ressonância das lutas populares no Congresso, contribuindo para o avanço da luta do povo".

Ao agradecer o expressivo apoio à sua candidatura, Aldo Rebelo destacou que "a união dos mais amplos setores da população no combate à ditadura militar é uma necessidade premente. O Parlamento precisa expressar esse combate, precisa ser ocupado pelo maior número de representantes legítimos do povo, que coloquem seus mandatos a serviço da luta popular por um governo de amplas liberdades."

Petroleiros paraenses fazem greve no Gabão

A multinacional Key Perfurações demitiu 44 brasileiros que trabalhavam em sua plataforma petrolífera "Key Gibraltar", estacionada no litoral africano (Gabão). Os operários se revoltaram contra o não cumprimento do contrato pela empresa. Eles já estavam há 32 dias sem folga e o revezamento combinado foi 28 dias. No começo de março paralisaram suas atividades e foram punidos.

Quando os trabalhos foram paralisados, o supervisor norte-americano Gordon Kame queria fechar a cozinha, com o que não concordaram os brasileiros, obrigando a cozinha a ficar aberta e funcionando.

Depois disso a empresa decidiu retirar os operários da plataforma no dia 3 de fevereiro. Estes chegaram a Belém aguardando ordens da Key. Mas tudo era um truque para justificar abandono de emprego e demissão por justa causa.

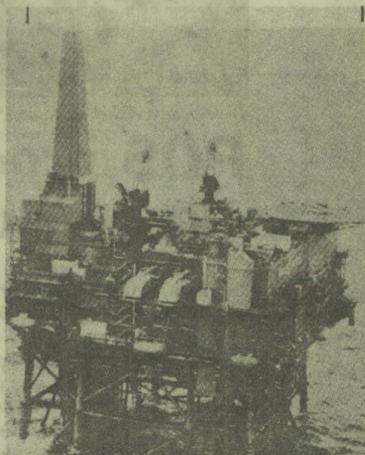
A ordem para demitir os petroleiros por justa causa chegou no dia 26 de fevereiro, mas muitos já haviam recebido baixa na carteira no dia primeiro.

A empresa petrolífera procura passar por cima das leis brasileiras, que já são tão fracas na defesa dos trabalhadores. A atitude da multinacional é tão cínica que aponta o rompimento de contrato como desculpa para a justa causa. E foi ela que rompeu o contrato de 28 dias!

O Sindicato dos Petroleiros, que trata atualmente da defesa dos paraenses, deu uma boa definição dos trustes petrolíferos: "São magnatas da exploração humana".

Os demitidos há bastante tempo trabalhavam na Key, primeiro na região de Salinópolis no Pará, onde se filiaram ao sindicato dos petroleiros do Pará, Amazonas e Maranhão. Depois a plataforma "Key Gibraltar" foi operar no litoral de Ilhéus, na Bahia.

O deslocamento da plataforma para Ilhéus foi uma ameaça de desemprego para os paraenses. A empresa tentou modificar o regime de trabalho vigente, aumentando para 28 dias no trabalho em mar e



No mar, 28 dias de trabalho sem folga.

28 de folga. O Sindicato dos Petroleiros tomou conhecimento do fato e fez uma denúncia pública. A empresa recuou e voltou ao regime legal (15 dias de revezamento).

Terminada a operação na Bahia, a Plataforma deslocou-se para a República do Gabão, na África. Com a chantagem do desemprego, a Key forçou os operários a aceitarem um novo regime de trabalho, o turno de 28 dias. Transformou-os em escravos das plataformas.

MAGNATAS DA EXPLORAÇÃO

Mas a superexploradora Key não se contentou com seu duríssimo regime de trabalho e tentou piorá-lo. Depois de trabalharem 32 dias consecutivos, sem saberem quando teriam folga, os operários se revoltaram e paralisaram sua atividade. A "gota d'água" foram os gritos dados por um dos supervisores, um inglês, exigindo mais trabalho e maior rapidez.



Acima do leito da criança, a marca dos tiros

Polícia usa helicóptero para metralhar favelados

Na Tribuna nº 60 publicamos no Fala o Povo uma carta relatando as "façanhas" de PMs bêbados no morro do Estado, a maior favela de Niterói, com cerca de 15 mil habitantes. Os fatos relatados eram tão chocantes que resolvemos ir lá conferir. E o que vimos confirmou que os moradores realmente vivem um pesadelo iniciado em 5 de fevereiro, data da primeira agressão.

Desde esse dia, os moradores não podem descansar. A repressão policial tem tido continuidade diariamente. E a situação piorou quando no dia 5 de março, após ser assaltada uma firma construtora, os policiais subiram na favela atrás dos assaltantes e um desses policiais foi morto.

Desencadeou-se, a partir daí, um redobrado massacre contra os favelados. Crianças têm sido espancadas para denunciar onde está o "assassino". O morro virou praça de guerra com centenas de PMs por suas vielas, distribuindo pancadas entre os moradores e arrombando as portas. Helicópteros foram usados para voar rente os telhados e metralhar os barracos, aterrorizando velhos e crianças.

Um ex-presidiário foi pego por um helicóptero numa praça do centro da cidade e apareceu morto no morro, com a cabeça cheia de buracos e sinais de enforcamento. Sua mulher encontra-se presa.

NINGUÉM É POUPADO

A sanha assassina dos policiais volta-se indiscriminadamente contra todos os moradores do morro. Uma menor grávida de 4 a 5 meses foi levada para a delegacia onde foi espancada por dois tiros, que lhe batiam pela frente e pelas costas, até que o feto caiu no chão. Depois disseram que a enviaram para um hospital. Mas até a data desta reportagem ela encontrava-

se desaparecida. Outra moça, confundida com uma procurada pelos policiais, teve sua cabeça quebrada pela surra que levou; depois disso, ainda levou um tiro no pé e foi jogada pela ribanceira. Dona Maria, uma senhora de idade, teve sua casa depredada e as crianças espancadas.

Os moradores estão cada vez mais revoltados. "Disseram que o Figueiredo está melhorando a lei do usucapião, mas isso não sobe o morro" — afirmam um dos moradores. E um outro agregou: "Se o morro tem marginal, lá em baixo tem mais. Os outros têm até dinheiro para viajar e para mandar para a Suíça".

O medo de falar é grande. Uma das pessoas que prestou depoimento no número anterior da Tribuna foi ameaçada com sua filha de 3 meses. E um delegado disse a um favelado: "Você não viu nem a metade. Se estivesse nas minhas mãos eu soltava lá uma bomba como a de Hiroshima".

Já se espalha no morro a notícia de que os policiais estão fazendo o jogo das construtoras: querem expulsar os moradores do local, que está cada vez mais se valorizando. Por isso mesmo, os favelados querem se organizar em torno de uma associação para lutar por seus direitos e pela melhoria de suas condições de vida.

(Da sucursal)

Morte de operário no EMAC revolta os trabalhadores

No último dia 14 mais um operário do estaleiro naval EMAC, na Ilha do Governador, morreu em consequência de um acidente de trabalho na carreira (linha de montagem do navio). Revoltados, seus colegas de trabalho resolveram trabalhar durante 30 dias com uma tarja negra, em sinal de luto, e relembrar diariamente o companheiro Sebastião Guedes Boas com cartazes colados nas paredes.

Quando Sebastião, 23 anos, morreu sob duas peças de uma tonelada cada, que despencaram sobre seu corpo, a empresa impediu o acesso dos demais operários ao local. Em seguida, encenou a prestação de socorro ao trabalhador, como se ele estivesse vivo, para evitar as consequências de ocorrência de morte na empresa.

Nos últimos três anos e meio, esta foi a quarta vez que funcionários morreram em consequência de acidentes de trabalho no EMAC. Isso sem falar nos acidentes menores, que ocorrem frequentemente. E todo acidente fatal que ocorre no estaleiro EMAC, e nas grandes indústrias em geral, é manipulado para que todos pensem que a vítima morreu no percurso para o hospital.

(da sucursal)



Os alunos escola com uma profissão

Estudantes contra o fim do ensino profissionalizante

Sindicatos, professores e estudantes já se posicionaram contra a alteração da Lei 5.692, proposta pelo governo, que dá fim à obrigatoriedade do ensino profissionalizante nas escolas. Quem sairá mais prejudicado se este anteprojeto for aprovado será o estudante trabalhador. Pois para ele, ao concluir o ensino secundário, interessa, além do diploma, sair da escola com uma habilitação profissional.

O ensino brasileiro deixou de visar os interesses dos alunos para beneficiar somente as escolas privadas e as grandes empresas estrangeiras. Pedro de Andrade, 1º secretário do Sindicato dos Empregados em Assistência Social e de Formação Profissional (Senalba) afirma que "o ensino no Brasil procura formar técnicos em grande quantidade, especialistas em produtos que não interessam à Nação. Com isso barateia-se a mão-de-obra".

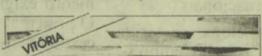
Em fevereiro passado os presidentes de várias entidades sindicais de professores, reunidos em Goiânia, denunciaram a interferência indireta das multinacionais no nosso sistema de ensino. E essa dependência ao exterior ainda tende a aumentar, pois o professor Antonio Albuquerque, do Ministério da Educação e Cultura, afirmou que está discutindo um empréstimo com o Banco Mundial e que este banco "mandará representantes novamente em maio".

Um grande setor da sociedade quer um ensino que lhe seja útil na sua realidade do dia-a-dia. Se na prática o ensino profissionalizante não funciona como devia, é devido à falta de equipamentos, aos baixos salários dos professores, enfim ao pouco interesse que o governo sempre mostrou pela Educação.

Jornal da UBES

GOVERNO QUER LEGALIZAR O CAOS NAS ESCOLAS

Projeto do MEC Estigmatiza o profissionalizante e institucionaliza a fúria dos alunos. Quer acabar com os turnos criando a matrícula por disciplinas. Juventude não aceita! Pacote do 2º Grau. Suplementação de Verbos e a solução.



UBES RECONSTRUIDA IMPEDE A LIBERAÇÃO DOS AUMENTOS

A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) acaba de lançar o seu órgão oficial, o Jornal da UBES. O número zero mostra o avanço das suas lutas.

SECUNDARISTAS EXIGEM ELEIÇÕES LIMPAS

UBES RECONSTRUIDA IMPEDE A LIBERAÇÃO DOS AUMENTOS

A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) acaba de lançar o seu órgão oficial, o Jornal da UBES. O número zero mostra o avanço das suas lutas.

(Da sucursal)



Cerca de 1.200 camponeses foram às ruas de Berilo dar apoio aos posseiros ameaçados de expulsão

Sindicato une posseiros na luta contra grilagem

No Vale do Jequitinhonha, área considerada pela ONU como das mais pobres do mundo, posseiros e bóias-frias, inclusive crianças, são explorados pelos grileiros e grandes empresas, tendo seus direitos mais elementares desrespeitados. Sofrem mas também se revoltam e lutam, como mostra a manifestação de Berilo.

No dia 6 de março, a cidade viveu um dia diferente na sua história. Com a presença de 1.200 camponeses foi realizada uma manifestação pública em apoio à luta dos posseiros da comunidade de Cardoso, ameaçados de expulsão de suas terras pela "Cavalinho S/A Agropecuária". Em 1979, a companhia conseguiu expulsar cerca de 40 famílias. Agora, obtendo a legitimação de 1.301 hectares pela bagatela de 59 mil cruzeiros, cerca de 43 cruzeiros por hectare, ameaça expulsar as 88 famílias existentes na Fazenda São Joaquim.

Mesmo assim os posseiros não desanimaram, pois como disse um de seus líderes, "nossa terra é nosso suor. É dela que tiramos nosso sustento. Estamos firmes na luta pelos nossos direitos, junto com o Sindicato e a FETAEMG, para que a companhia não invada nossas terras".

A manifestação teve a participação de 13 sindicatos rurais, representantes do clero da região, Comissão Pelos Direitos Humanos de Belo Horizonte e Pastoral Operária. Apesar da presença da repressão, os camponeses encerraram seu ato gritando palavras de ordem exigindo reforma agrária e renderam homenagem aos líderes camponeses assassinados, como Wilson Pinheiro, Gringo, e Manoel de Souza.

(Da sucursal)

Direção da Pró-CUT não cumpre suas decisões

A maior prova do imobilismo da Comissão Pró-CUT foi dada no dia 12 de março, data fixada para realização do Dia Nacional de Luta Contra o Pacote da Previdência e o Desemprego. No Rio de Janeiro e em São Paulo, centros da luta de classes no país, a data passou despercebida, como se fosse um dia comum.

A decisão de se fazer um Dia Nacional de Luta foi tomada na reunião dos dias 30 e 31 de janeiro da Comissão Pró-CUT — formada por 56 dirigentes sindicais eleitos na Primeira Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat). O objetivo das manifestações era protestar contra a medida antipopular do governo militar, que visa tirar do bolso vazio do trabalhador mais alguns tostões com o desconto do INPS. Também visava pressionar o patronato, que para fugir da crise econômica vem demitindo milhares de assalariados.

DECISÕES ESQUECIDAS

Mas nada foi feito no sentido de realizar as manifestações. A Pró-CUT não encaminhou para as entidades sindicais a decisão e, por con-



As crianças que trabalham com veneno, na pulverização às pragas

Pequenos bóias-frias correm perigo de vida

No município de Água Boa, os trabalhadores da fazenda Núcleo Novo Machado vivem num estado de miséria e muita revolta. A exploração do trabalho infantil ocorre de uma maneira brutal e violenta. Pequenos bóias-frias, de até 10 anos, são obrigados a largar a escola, cumprindo uma jornada diária que vai das 6:30 hs às 16:30 hs, para completar o minguaço sustento de suas famílias.

O mais grave é saber até que ponto chega a exploração dessas crianças. Barrigudas, desqueléticas, descalças e sempre de olhar tristonho, elas são utilizadas de forma criminosa, pela fazenda Núcleo Novo Machado, no trabalho de pulverização contra as pragas que atacam os cafezais. Lidando com produtos altamente tóxicos e venenosos, sem nenhuma espécie de proteção, recebem a miséria de 195 cruzeiros por dia, faça

chuva ou faça sol. Arnaldo, uma criança de 10 anos, obrigado a abandonar o grupo escolar, vive nessas condições.

Dura, também, é a infância que levam as irmãs Maria Aparecida e Maria Pereira dos Santos, ambas com 12 anos. Saem de madrugada junto com a mãe, todos os dias para trabalhar na capina e adubação de café. Se não faltarem nem um dia de serviço, ganharão 5.700 cruzeiros por mês.

Uma criança que estava no trabalho de pulverização caiu do trator e, por pouco não teve o corpo esmagado. Um irmão dela foi obrigado a abandonar o serviço na lavoura e alugar um carro para socorrê-la e levá-la à cidade mais próxima, Capelinha, já que o capataz se recusou a ajudar. Teve dois dias de salário descontados... (da sucursal)

TOTAL INOPERÂNCIA

Esta inoperância da Pró-CUT não invalida a necessidade de uma direção nacional para o movimento dos trabalhadores. Ao contrário. Ela só mostra que, à frente de um organismo tão poderoso como este para lutar dos trabalhadores, devem estar sindicalistas mais comprometidos com as classes exploradas. Enquanto os operários fazem greves, como a da Ciferal do Rio e a da Cimetel de Minas, a Pró-CUT não faz nada.

Com esta inatividade, até a realização do Congresso de formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em agosto está ameaçada. Só

mesmo a pressão das bases trabalhadoras poderá fazer deste Congresso um importante marco na construção de uma direção única e combativa para o movimento sindical.

Onde o sindicalistas mais consequentes se fazem presentes na articulação sindical e na preparação do Congresso da CUT, a história é outra. Na Bahia, por exemplo, o 12 de março não passou em branco, foi registrado como Dia de Luta. Mais de mil populares se reuniram no Campo Grande para protestar contra o "Pacotão". Nem o forte aparato policial de quatro mil PMs, na maioria vestidos com uniformes antiguerri-lha, inibiu os manifestantes. Na manifestação foram enterrados o Ministro da Previdência, Jair Soares, e o presidente-general, Figueiredo, simbolizando o repúdio que o povo tem não só ao pacote mas ao regime que o gerou.

Já em Goiás, uma reunião com 74 entidades sindicais marcou para os dias 18, 19 e 20 de junho a realização do seu Encontro Estadual, o Enclat. Propostas imobilistas, como a de reduzir o número de delegados para o Encontro, foram derrotadas, demonstrando a força do sindicalismo comprometido com os trabalhadores.



Os operários pararam à espera do pagamento atrasado

Operários param a Coferraz devido ao salário atrasado

Os 1.600 operários da metalúrgica Coferraz (Santo André, São Paulo) encontram-se em greve há cerca de uma semana pelo pagamento de seus salários atrasados. Em decorrência da paralisação, a unidade da Coferraz de São Caetano, que reúne outros 400 funcionários e depende da matéria prima produzida em

Santo André para funcionar, também não está operando. Segundo o diretor da Siderúrgica, Paulo de Castro, em apenas dois dias de greve a empresa deixou de fabricar cerca de 800 toneladas de laminados, o que representa uma queda de faturamento de cerca de 150 milhões de cruzeiros.

Pressão dos trabalhadores vence governador mineiro

Os trabalhadores da Cimental (Barão de Cocais, Minas Gerais) voltaram de surpresa ao palácio do Governador no dia 11 de março exigindo a liberação dos 5 meses de salário atrasado. O governador prometeu a liberação dos salários de novembro e dezembro para daí a uma semana pela Caixa Econômica Federal. Como pouco depois o governador mudou de posi-

ção, o presidente do Sindicato, Osmar Martins, comunicou a ele a decisão dos trabalhadores, em assembléia, de montar acampamento na porta do Palácio e fazer arrecadação de fundos junto à população. Diante disso o governador resolveu efetuar o pagamento, realizado no dia 12 deste mês.

(da sucursal)



O povo destruiu a cerca que os capangas levantaram.

Bairro de Curitiba enfrenta grileiro apoiado pela PM

Os 600 moradores da Vila Pluma, em Curitiba, estão em pé de guerra contra o grileiro Antônio Taborda Ziemer, o "Tonicão". Através da Associação de Moradores da Vila Pluma, estão se organizando e lutando para conseguir a posse do terreno onde vivem. Desde o dia 3 de março o grileiro vem tentando, sem êxito, cercar a área com arame farpado. Para isso, ele tem contado com o apoio da Polícia Militar do Paraná e também da Polícia Civil.

No dia 6, capangas e empregados do Tonicão chegaram a construir uma cerca de arame farpado, que isolou a Vila. Mas a Associação dos Moradores reuniu o povo local e foi decidido destruir a cerca. Isso foi feito de imediato, aos gritos de "O Povo Unido Jamais Será Vencido" e "Governo Ladrão Protege o Tonicão".

(Manoel Barbosa, da sucursal)

Estudantes fazem passeata em apoio a diretor no ABC

Os donos do Colégio Pentágono, em Santo André, no ABC paulista, demitiram o diretor da unidade II daquela escola, mas não esperavam a reação de protesto dos alunos. Cerca de mil estudantes secundaristas saíram em passeata pelas ruas da cidade no dia 15, depois de uma assembléia que contou com a participação da UBES e se decidiu pela paralisação das aulas. Apesar da forte chuva que

caía, a passeata foi engrossada com alunos de outras unidades do Colégio Pentágono.

Um dia após a passeata, os estudantes conseguiram a readmissão do diretor Norberto. Com esta vitória os alunos não se desmobilizaram e já estão preparados para lutar para que os reajustes das mensalidades não ultrapassem 36,8%.

Luta por vaga na Embratel acaba em tumulto no Rio

Uma informação divulgada internamente na Embratel, do Rio de Janeiro para cadastramento de candidatos a ajudante de administração, com salário de 54 mil cruzeiros, atraiu cerca de 5 mil pessoas, que se acumularam na frente da empresa desde as 11 hs de domingo, dia 14. Não se sabia ao certo o número de vagas oferecidas. Falava-se em 25, 250 e 700 vagas. Na manhã da segunda-feira, quando as portas da Embratel se abri-

ram, houve grande tumulto. Várias pessoas ficaram feridas quando as portas de vidro foram quebradas pela pressão da massa. A sala de recrutamento de pessoal foi totalmente destruída e poucos candidatos tiveram acesso às fichas de testes.

Em Cuiabá, cerca de 7 mil pessoas se inscreveram num concurso da Caixa Econômica que dispunha de apenas 300 vagas em todo o Estado.

(das sucursais)

Mulheres de Caxias do Sul fundam entidade municipal

Cerca de 450 mulheres comemoraram em Caxias do Sul o Dia Internacional da Mulher. Na oportunidade foi criada a União das Mulheres de Caxias do Sul, com o objetivo de "unificar e organizar as mulheres caxienses na conquista de plena igualdade social". A UMCS tem recebido cartas de diversas entidades, como a OAB e o Sindicato dos Gráficos, apoiando a criação da primeira entidade

caxiense que visa defender os direitos da mulher. Em Porto Alegre, o 8 de Março foi comemorado com a realização de vários encontros setoriais, além de um encontro unitário, que contou com a presença de cerca de 300 mulheres. O encontro aprovou moções de apoio ao povo salvadoreño, por eleições limpas em 82 e contra o Pacote da Previdência Social.

(da sucursal)

O que nos ensinam os sindicalistas dos EUA que vieram ao Brasil?

Em fevereiro, esteve em excursão pelo Nordeste um dirigente do IADESIL, Instituto Americano para o Desenvolvimento do Sindicalismo Livre, pregando a necessidade de união entre os sindicalistas brasileiros e os dos Estados Unidos e defendendo a ação do sindicato **Solidariedade** nos recentes acontecimentos na Polônia. Pouco depois, foi a vez de um dirigente da Federação Mundial, pró-soviética, que falou da mesma necessidade de união.

Há duas semanas, sindicalistas de Detroit, do centro da indústria automobilística americana, estiveram com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, que lhes pediu ajuda num boicote dos americanos aos produtos da **Brastramp**, em represália à brutalidade da empresa contra a greve encerrada faz pouco no ABC.

UNIÃO SEM PRINCÍPIOS

Numa época de crise econômica generalizada, que atinge profundamente os países capitalistas avançados tradicionais - os EUA, Inglaterra, Alemanha, etc. -, e também os países do bloco soviético - URSS, Polônia, Bulgária e outros - nada mais necessário e justo que os trabalhadores do mundo busquem unir-se contra as dificuldades comuns.

A questão, porém, é que toda união se faz com alguém e contra outros; portanto, exige que se descubra com quem vamos nos unir, para nos opormos a algum outro. Os trabalhadores brasileiros já sabem que no Brasil há "pelegos" e que o mesmo pode ocorrer, também, na área internacional.

LOBOS COM PELE DE CORDEIRO

Nada melhor do que julgar esses sindicalistas pelos atos que praticam na direção do movimento operário em suas terras. Os dirigentes sindicais de Detroit, por exemplo, estão comandando, nos últi-

mos meses nos EUA, os acordos salariais mais desfavoráveis aos trabalhadores de que se tem notícia na América. Na Chrysler, somados os aumentos salariais de que **abriram mão** nos últimos dois anos, chega-se a 1,1 bilhão de dólares! Na Ford, em acordo firmado há três semanas, a União dos Trabalhadores na Indústria Automobilística - UAW - concordou com um congelamento de salários por 2 anos e 7 meses, a eliminação de 9 feriados pagos e de uma semana de férias, em troca de garantias (incompletas) de não fechamento de fábricas por um ano, benefícios de desemprego mais elevados para os que têm 10 anos de trabalho e um plano de participação nos lucros, a ser posto em prática dentro de dois anos...

Na Alemanha, a poderosa central sindical IG-Metall, dos metalúrgicos, acabou de se pronunciar por um acordo salarial com aumento de 4,2%, mesmo sabendo que a taxa de inflação na Alemanha para este ano será de 5%, segundo todos os peritos.

A Federação Sindical Mundial, que hoje defende abertamente o golpe dos generais na Polônia, vem se enfraquecendo progressivamente em função de sua política de apoio aos regimes do Leste Europeu e, em particular, às ações imperialistas da URSS no exterior.

QUEM É QUEM

Evidentemente, sindicalistas assim não representam a classe operária do mundo. Não é sem razão que o sindicalismo oficial americano - conhecido por "sindicalismo amarelo" - vem sofrendo progressivo esvaziamento. Hoje, só 20% da força de trabalho dos EUA é sindicalizada. E após 6 anos de campanha de sindicalização, a United Steel Workers (sindicato metalúrgico) não conseguiu registrar sequer um novo sindicalizado entre os 100 mil trabalhadores das 161 fábricas da Du-

(Guilherme Lobo)



Colonos de Ronda Alta deixam o acampamento

Igreja põe panos quentes no conflito de Ronda Alta

Depois de 400 dias de resistência, as 220 famílias de colonos concentradas em Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, deixaram o seu acampamento, símbolo de luta para os lavradores sem terra de todo país. Acampados à beira da rodovia BR-423, na Encruzilhada Natalino, estes trabalhadores expulsos da reserva indígena de Nonoi exigiam do governo gaúcho um pedaço de terra no Estado, enquanto a intenção do governador Amaral de Souza era transferi-los para terras inférteis do Mato Grosso.

MEDIDA PALIATIVA

A Igreja Católica foi quem promoveu a retirada dos colonos do acampamento. Por decisão de 15 bispos, ela comprou por 25 milhões de cruzeiros 108 hectares de terras próximas a Encruzilhada. Num primeiro momento os colonos ficaram contentes com a medida, mas logo surgiram as dúvidas: como alugar 220 famílias em apenas 108 hectares de terra, o que equivale menos de um hectare

para cada família morar e plantar?

Após um período de longa resistência, enfrentando tropas de choque da PM, boicotes do governo e a presença indesejável do Major Curió, as famílias foram aconselhadas a deixar o acampamento. Sem dúvida o objetivo da Igreja era o de impedir choques com os governos estadual e federal, que viam em Ronda Alta uma poderosa trincheira na luta pela Reforma Agrária. Mas o que realmente a Igreja fez foi substituir o papel do Estado. Ao invés dos colonos continuarem pressionando o governo, a Igreja preferiu jogar água fria na luta e fazer uma caridade, dando-lhes a terra exigida e necessária.

Esta "solução" não resolve a situação dos conflitos de terra no país, já que é impossível comprar glebas para os milhões de posseiros brasileiros e nem mesmo para as 200 mil famílias gaúchas sem terras. A solução deste problema exige uma Reforma Agrária Radical e não medidas paliativas.



Funcionários de todos os setores votam a greve contra o arrocho e pelo reajuste semestral

Funcionalismo aprova a greve contra o arrocho

Seis mil funcionários estaduais e municipais de São Paulo decidiram, em assembléia, entrar em greve por 140% de reajuste salarial, a partir do dia 22. No mesmo dia, haverá ato público na Praça da Sé, às 15 horas, para denunciar o arrocho que sofrem e seus responsáveis, governador Maluf e prefeito Reynaldo de Barros.

Pouco antes da Assembléia Geral dos Funcionários Públicos, dia 17, milhares de professores, trabalhadores da Saúde, oficiais de Justiça e outros servidores gritaram, em ato na Praça da Sé, palavras de ordem como "Salim, Salim, seu governo está no fim", "Oh Maluf, se eu fosse como tu, pegava esse aumento e enfiava no baú", etc. Depois, em passeata até o Sindicato dos Metalúrgicos, local da assembléia, foram saudados por funcionários do Palácio da Justiça e do Fórum, de onde foi lançado papel picado das janelas.

O ARROCHO DO GOVERNO

Repetindo o caráter massivo da assembléia da Associação dos Professores (Apeoesp), realizada dia 14, a assembléia do funcionalismo rejeitou os reajustes parcelados oferecidos por Maluf e pelo prefeito Reynaldo de Barros, e aprovou a greve por 140% de reajuste sem parcelamento e pelo reajuste semestral. Só dez, dos mais de 6 mil funcionários presentes à assembléia, votaram contra a greve.

O arrocho salarial imposto aos funcionários públicos é grande. Enquanto, entre 1970 e 1982, o custo de vida subiu 63 vezes, o salário do funcionalismo da União cresceu apenas 43 vezes. O funcionalismo paulista, somente no governo Maluf, teve uma defasagem salarial de 140% - índice que pretende recuperar na atual campanha.

Para os funcionários municipais, a situação também é negra. Segundo o vereador Benedito Cintra, "em 1980 34% do orçamento da prefeitura era para salários; em 81 o índice caiu para 29% e, neste ano, o prefeito propôs somente 24% do orçamento para salários. Mas o Reynaldo aumenta sua verba de contingência todo ano, e em 82 terá Cr\$ 47 bilhões só para despesas adicionais. Será que ele não estaria usando essa verba, que poderia ir para o salário do funcionalismo, na campanha eleitoral?"

ORGANIZAR A LUTA

No mesmo dia em que a greve foi aprovada, o prefeito decretou uma "antecipação"

de 60% dos salários de abril, a ser paga no final deste mês aos funcionários municipais. Ao mesmo tempo, enviou projeto de aumento salarial à Câmara, com os mesmos índices já rejeitados anteriormente. Já a Secretaria de Educação de Maluf convocou reunião com a diretoria da Apeoesp para tratar do reajuste da categoria, enquanto o governo ameaçou demitir os grevistas.

A intenção do governo é dividir e intimidar o funcionalismo. Segundo a professora Lilian Martins, "nós garantiríamos a vitória se ficarmos unidos em nossa luta. Já aprovamos a greve, mas na assembléia do dia 17 não organizamos essa paralisação. Isso precisa ser feito com urgência, preparando atividades culturais e debates com nossos colegas de trabalho durante a greve, denunciando à comunidade as razões de nossa luta e o responsável por ela, o governo".

Concordando com essas posições, Jamil Murad, do Hospital dos Servidores e Sindicato dos Médicos, afirma que "é preciso organizar o fundo de greve e os comandos regionais, que mobilizem os funcionários e ativem os piquetes. É preciso preparar boletins informando o andamento da greve e dando conta de como andam as negociações com o governo".

(Carlos Pompe)

Ocupação de restaurante e greve contra alta do preço

Por todo país se avolumam as manifestações de protesto contra a medida arbitrária do Ministério da Educação e Cultura (MEC) que baixou portaria aumentando o preço das refeições nas universidades, os bandejeiros, com variações entre Cr\$ 30 e Cr\$ 130,00.

Na Universidade Federal de Minas Gerais 12 mil alunos entraram em greve no dia 9 de março e ocuparam três restaurantes universitários, passando a vender a refeição aos preços antigos de Cr\$ 30,00. E, como forma de pressão, marcaram para o dia 16 uma passeata, mas foram reprimidos pelas tropas da PM que prenderam sete estudantes e feriram a estudante Cássia Carvalho. Também na Universidade Federal de Juiz de Fora sete mil universitários se encontram parados.

No Rio Grande do Sul os 18 mil estudantes da Universidade Federal entraram em greve por decisão tomada dia 17 por dois mil alunos, sendo que só 20 votaram contra a paralisação. Neste mesmo dia 500 estudantes da Federal de Brasília invadiram o restaurante e agora vendem a refeição a Cr\$ 45,00. Em Manaus, no dia anterior, 200 estudantes já administravam o restaurante universitário.

Por outro lado a diretoria da União Nacional dos Estudantes, que tem orientado a



Mais de 300 estudantes mineiros tomam conta do restaurante

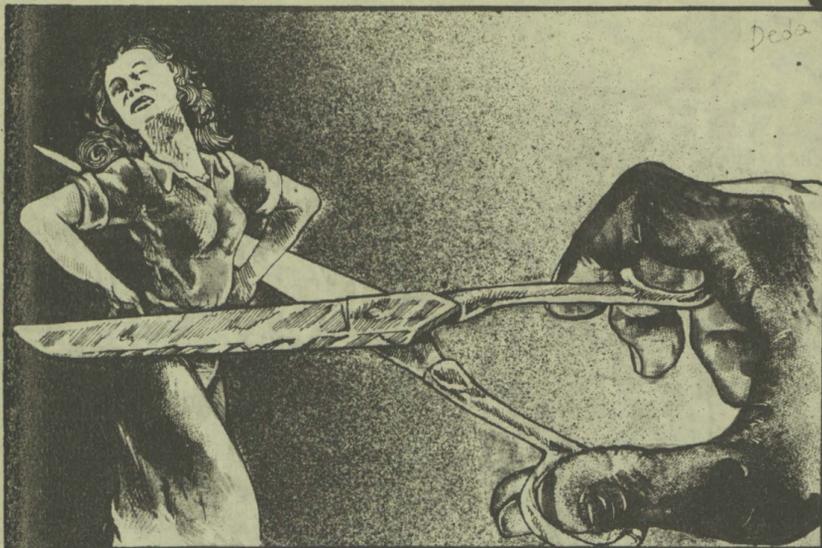
nível nacional a tomada dos refeitórios, e as greves, esforça-se para negociar com o MEC. Só que o general Rubens Ludwig recusou-se a receber a entidade dos universitários e ainda ameaçou com a "extinção dos restaurantes". Na hora a Associação Nacional dos Docentes Universitários condenou o ministro por sua "exibição gratuita de poder". Já a UNE marcou para o dia 19 reunião onde avaliara a possibilidade de greve geral como forma de protesto e pressão.

VESTIDO DE CORDEIRO

Para toda a comunidade universitária, um plano que o aumento dos "bandejeiros" faz

parte de um plano maior do MEC, o de implantação definitiva do ensino pago. O general Ludwig tem tentado se vestir de cordeiro para poder abocanhar o ensino gratuito, afirmando que a verba do restaurante universitário será desviada para o ensino primário, como se os militares se preocupassem com a educação no país. "Nós também achamos que o ensino primário precisa ser melhorado. É só ver que em Belo Horizonte existem sete mil crianças sem escola. Agora, porque o governo não desvia os 20% do orçamento da educação para melhorar as condições para educação?", questiona a estudante de medicina Maria Betânia Andrade.

Centro de Documentação e Memória da União Nacional dos Estudantes



Você sabe como vivem as cobradoras de ônibus?

Quando você paga a passagem de ônibus, costuma olhar para a cara da cobradora? Já reparou na sua feição cansada, envelhecida antes do tempo, às vezes mal humorada? Já pensou em como é sua vida?

Pois é: a gente dá duro nos ônibus, ganha pouco e faz malabarismos para esticar o salário. Deixa os filhos se virando sozinhos em casa (já pensou como trabalhamos preocupadas?), nossa jornada é de mais de 8 horas, chegando até 16 horas, sem comer, na base do cafezinho.

Se o patrão resolve mandar gente embora quem dança primeiro é a mulher. Eles dizem que tiramos o lugar dos homens, como se trabalhássemos por esporte! Quan-

do é dessas garagens em que há superexploração preferem contratar mulheres pois "mulher aceita tudo".

Se ficamos grávidas somos demitidas. Se alguma de nós é jovem e bonita é cantada, ameaçada de demissão se não ceder ao patrão ou aos inspetores.

Voltamos para casa cansadas, mas vamos para o tanque, para o fogão, para a vasoura, consertar roupa, cuidar das crianças. Se temos companheiros atendemos a suas exigências com cara alegre, pois só o homem é dono do mau humor e do cansaço.

Depois de tanta injustiça, exploração e opressão, muitas de nós resolvemos lutar. Queremos ser respeitadas

como trabalhadoras e como seres humanos. Queremos nossa dignidade de mulher afirmada. Que acontece então? Perdemos o emprego, já que o patrão não gosta de quem reivindica. No Sindicato o machismo de muitos companheiros nos marginaliza. Em casa o homem se manda. E a gente? Passa por cima dessas desgraças todas e continua lutando. Luta hoje, luta sempre, para ajudar a transformar o mundo num lugar melhor de se viver. E vamos dar esse mundo bom que a gente está criando às nossas filhas.

(Lia Tarantino, Alanir Meirelles e Marina de Souza, pelo depto. feminino do Sindicato dos Rodoviários - Rio de Janeiro, RJ)

Rio Grande do Norte comemora 8 de Março

Cerca de duzentas mulheres, representando mais de 50 entidades do Rio Grande do Norte, comemoraram domingo, dia 7, a passagem do Dia Internacional da Mulher, e escolheram a Comissão Executiva Provisória do I Encontro da Mulher Potiguar, a ser realizado em agosto próximo, apesar do tumulto provocado pelas representantes do jornal *Hora do Povo*, que tentaram, arbitrariamente, modificar as decisões do I Encontro da Mulher Natalense realizado em 13 de dezembro último com 800 mulheres.

As mulheres identificadas com o *Hora do Povo* tentaram desviar a discussão da pauta, e das bandeiras de luta, propondo a discussão imediata da realização de um congresso no mês de maio para a criação de uma federação estadual de mulheres. Suas propostas foram rejeitadas pela plenária, que em peso argumentou contra, levando-as a se retirar da reunião, afirmando aos gritos que formariam "uma federação de qualquer jeito". Com sua retirada, tudo voltou ao normal, com pleno entendi-

mento entre as participantes da reunião.

No encontro da mulher natalense, as "agapistas" já haviam tentado impor a criação da Federação e perderam a votação. Três dias antes da comemoração do 8 de Maio tentaram impedir a escolha da coordenadora do Departamento Feminino do PMDB para impor uma mulher de sua tendência. Mas acabaram perdendo, apesar das manobras.

(do correspondente em Natal, Rio Grande do Norte)

Inspetor do aeroporto de Manaus tiraniza funcionários

O Aeroporto Internacional Eduardo Gomes, de Manaus, está passando por uma verdadeira onda de terror provocada pelo administrador, que trata os funcionários com grosseria, como se fossem animais. Isso já é

rotina diária. O setor mais atingido pelas grosserias e ameaças é o da segurança.

Seu chefe, Jarnor Silva, todo dia que o efetivo Ghebran chega para trabalhar obriga-o a assinar papéis sob

ameaça e utilizando palavras de baixo calão.

Todas essas pessoas que trabalham são pessoas humildes, chefes de família, que precisam ganhar dinheiro para se sustentar. O salário é péssimo (22 mil cruzeiros), o que não dá nem mesmo para suprir o que é direito em casa, ainda mais para satisfazer as exigências da firma, que são inúmeras. O cabelo tem que ser cortado em estilo "militar" e a pessoa tem que ficar em posição correta, como se fosse militar. Não pode nem conversar com amigo, mesmo estando em hora de lazer. A injustiça é grande para pobres pais de família, que são homens humildes e trabalhadores, e que estão sendo massacrados pelo diretor do Aeroporto Internacional Eduardo Gomes.

(Grupo de funcionários do aeroporto - Manaus, Amazonas)



Presidente do Baneb só dá vaga para quem vota no PDS

O governador da Bahia, o bionico Antônio Carlos Magalhães, pretende de qualquer forma colocar como sucessor o seu antigo lacaio, o atual presidente do Banco do Estado da Bahia, Clériston de Andrade. E para isto, utiliza-se da instituição para promover o nome do presidente, inaugurando agências nos recantos mais longínquos e inexpressivos economicamente no Estado. Agora o Baneb

abriu concurso para preenchimento de vagas nessas cidades. Até aí, nada de mais, não fosse o fato de um compadre nosso que mora na cidade de São Raimundo Nonato, no sul do Piauí, que foi impedido de inscrever-se no concurso porque não possuía título eleitoral constando que votava no Estado da Bahia. E como são Raimundo Nonato fica apenas a 2 horas de Campo Açu,

Lurdes, muitos piauienses certamente voltaram desiludidos, pelo simples fato de não poder votar na Bahia.

O sr. Clériston Andrade, ao invés de ficar com companhias suspeitas, deveria de estar orando na sua Igreja Batista, pois lá ele evitaria de se corromper com os pecados mundanos que sua Igreja tanto prega.

(D.A.F. - Salvador, Bahia)

Pelego precisa de capangas para garantir sua vitória

Um grupo de capangas tentou garantir a vitória da chapa da situação para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Trajano de Moraes, no interior do Rio de Janeiro, dia 28 de fevereiro. O pelego que controla a entidade dos lavradores há mais de dez anos fez de tudo para ganhar este segundo escrutínio, já que o primeiro não havia dado quórum. Uma centena de novas carteiras de sócios foram emitidas e entregues aos lavradores apadrinhados com a recomendação de votar na chapa 1. E se chegou até a corromper alguns lavradores menos conscientes, dando a cada um Cr\$ 200,00. Quando o correspondente da *Tribuna* descobriu a sujeira, os capangas da atual diretoria tentaram tirar suas anotações à força.

Já no primeiro escrutínio, dia 13 de fevereiro, havia ocorrido rouboalheira. Em Barra dos Passos, localidade de

Trajano de Moraes, o pelego contratou um pelotão de jagunços, que se postou em frente ao local de votação intimidando aos que não votassem na chapa 1.

Mas os lavradores da localidade não se intimidaram. É conhecida no município a história de que o atual presidente do sindicato não é lavrador e sim comerciante. E que além disto é ladrão, já tendo um processo por roubo de galinhas na cidade. Seu único interesse à frente do Sindicato é defender os grandes fazendeiros, que pagam mal aos trabalhadores e tentam expulsar os pequenos proprietários de terras. Há fazendas em que o salário é de apenas Cr\$ 100,00 por dia. Os pequenos fazendeiros tem constantemente suas roças incendiadas e suas cercas derrubadas.

(do correspondente em Trajano de Moraes, RJ)



Prefeitura de Manaus persegue ambulantes

A Guarda Municipal da Prefeitura de Manaus, "rapa", armada de revólver e cassetete, continua prendendo, batendo e saqueando os pequenos vendedores ambulantes que vendem cheiro verde, tomate, alface, frutas e quinilhanias nas ruas centrais da cidade. A Guarda é violenta, às vezes massacra até crianças que acompanham seus pais.

Dona Odete Soares da Silva, mãe de 6 filhos, viúva, foi cruelmente espancada pelo "rapa" em frente ao Mercado Adolfo Lisboa, no dia 26 de fevereiro, quando vendia cheiro verde, tomate e tucumã. "O rapa chegou, deu um murro no meu nariz, bateu no meu filho de 18 anos e ainda empur-

rou as outras crianças que me acompanhavam de 2 a 6 anos — conta ela. Eram três guardas armados, mas o que me bateu se chama Edmar. Esse monstro que bate numa mãe de família como eu, desempregada, doente, que luta para sobreviver, deveria ser punido. Mas nada acontece com ele, porque ele e outros fazem isso a mando dos 'home'.

O pequeno produtor rural Eusébio, trouxe duas caixas de tomate e outros produtos para vender diretamente ao consumidor. Minutos depois apareceram seis guardas da prefeitura e levaram tudo.

(Do correspondente em Manaus, Amazonas)



Políticos do PDS caçam votos no sertão sergipano

Os trabalhadores das frentes de trabalho no sertão sergipano vêm sendo massacrados e ameaçados pelos chefes políticos do PDS.

No município de Porto da Folha, o problema só tem se agravado. O presidente do Sindicato Rural da cidade denunciou as arbitrariedades no local: as fichas são distribuídas com os vereadores e os fascistas. Só as dão para seus filhos, filhos de fazendeiros e de cabos eleitorais. E se algum trabalhador reclamar, botam a polícia para persegui-lo. No município exis-

tem 2 mil trabalhadores cadastrados, que recebem 5 mil e 500 cruzeiros por mês, e com atraso; não permitem mais de uma pessoa cadastrada em cada família.

Na cidade de Poço Redondo o prefeito está vendendo a água que é levada pelos carros-pipa para suprir a população. Se a família garantir voto para o PDS tem direito a uma parcela grátis; mas quem for da oposição só recebe quando eles querem.

(Do correspondente em Aracaju, Sergipe)

Operário de Suzano denuncia o controle de qualidade

Venho por meio deste jornal denunciar esse malfadado CCO (Círculo de Controle de Qualidade). Um sistema japonês para aumentar a produtividade, o que quer dizer mais produção com menos operários, que a Komatsu do Brasil implantou, fazendo com que os próprios operários disputem entre si.

Companheiros: com esta crise de desemprego que aí está, não podemos

aceitar estas irregularidades! Esse sistema está tirando emprego de muita gente. E tem mais: se esse tal de CCO der resultado, muitos que estão empregados correm o risco de perderem os seus empregos. Será que o governo irá ficar mais uma vez alheio a tudo isso, com essas multinações desafiando a nossa paciência?

(Um operário de Suzano, amigo da TO - São Paulo)



fala o POVO

Por motivo do 8 de março, re-
cebemos ainda neste número
várias cartas mulheres ou sobre
o problema da mulher. Uma delas,
que destacamos, é assinada pelo depar-
tamento feminino do Sindicato do
Rodoviários do Rio de Janeiro. Denúncia
com vigor os sofrimentos das
cobradoras e afirma: "a gente conti-
nua lutando. Luta hoje, luta sempre,
para ajudar a transformar o mundo
num lugar melhor de se viver". É isso
aí, companheiras, vamos em frente!

(Olivia Rangel)



Militar vigia populares em El Salvador

PM Mineiro apóia povo salvadorenho

Reagan, seu hipócrita genocida maior da história ator frustrado presidente interventor suas mãos estão sujas de sangue do povo salvadorenho. Só mesmo de uma mente conturbada de um velho esquizofrênico poderiam sair idéias tão macabras de morte, sangue e destruição de um povo que deseja a paz. Por isso te odiamos pois esta é sua pior interpretação não de um bandido de bang-bang mas de um "El Salvador" de um suposto e decadente mundo livre e carasco da humanidade (A.L.C.M. - P.M. de Belo Horizonte, Minas Gerais)

Sindicatos são contra o pacote da Previdência

Os sindicatos de trabalhadores abaixo nomeados juntam sua voz à dos milhões de trabalhadores na defesa da nossa Previdência Social.

O Governo quer aplicar mais um golpe contra os trabalhadores com o aumento da taxa de desconto, para o INAMPS, dos nossos salários e aposentadorias, além de diminuir os atuais serviços prestados pelo INAMPS. Isso, segundo o Governo, para cobrir um roubo de 400 milhões de cruzeiros na Previdência. Mas os trabalhadores não são responsáveis por esse rombo, pois não participaram dessa escandalosa corrupção que varre a Previdência, não jogaram o dinheiro no pagamento de convênios médicos. Logo, não aceitamos tapar esse rombo com os nossos salários e aposentadorias.

Mas o decreto do Presidente da República tem que ser votado no Congresso Nacional nos próximos 60 dias e se nós, trabalhadores, lutarmos poderemos derrotar o "Pacotão da Previdência". Para isso tomaremos as seguintes medidas: 1 - Apelar às Câmaras Municipais e Assembleias Legislativas para que aprovem moções contra o pacotão e que todas as entidades façam o mesmo; 2 - Que todos os trabalhadores enviem telegramas ou cartas aos senadores e deputados federais em que votaram, exigindo que votem contra o pacotão. Se o senador ou deputado não votar contra ou não comparecer, seu nome vai para a "lista negra sindical", que será distribuída pelos sindicatos durante a campanha eleitoral de 82; 3 - No dia da votação do "Pacotão" no Congresso Nacional estaremos em Brasília ao lado dos trabalhadores de todo o país, lutando por sua derrota.

Estamos nos organizando em todo o país e iremos até a greve geral se preciso for, mas vamos dar um fim a essas calamidades que só trazem para a família trabalhadora a miséria e o desemprego. (Sindicatos dos Trabalhadores nas Indústrias de Papel e Celulose, na Metalúrgica, Fiação e Tecelagem de Mogi das Cruzes, e Fiação e Tecelagem e Química de Suzano, SP)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O Partido Leninista

O Partido marxista-leninista é o instrumento fundamental para a vitória da revolução e construção do socialismo. Em todo lugar onde o Partido fracassou, fracassou a revolução; onde o Partido degenerou, degenerou também o poder da classe operária e a burguesia retomou o poder. É o Partido que une o movimento espontâneo com a consciência socialista e com a teoria científica, imprimindo um caráter revolucionário à luta operária.

ORGANIZAÇÃO SUPERIOR

A própria existência de classes exploradas e exploradoras conduz espontaneamente à luta entre elas, independente da vontade de quem quer que seja. Mas esta luta espontânea é incapaz de liquidar a exploração. É com o desenvolvimento da luta de classe que os trabalhadores passam a ter consciência de sua situação, passam a entender o sistema que os explora e a se organizar para liquidá-lo. Inicialmente surgem as associações profissionais, os sindicatos, as organizações de empresa e outras. Só com o marxismo-leninismo o proletariado dá um salto no seu nível de consciência. E torna-se capaz então de criar a sua forma superior de organização, o Partido Comunista.

Com base na teoria científica, o Partido desenvolve a consciência da classe operária, traça uma política que orienta a sua atividade e dirige todos os seus esforços para o objetivo central de liquidar a exploração capitalista e construir o socialismo. Para isto, constrói suas bases em cada empresa e em cada local de moradia e atua em cada uma das organizações e entidades de massas. Transforma numa única corrente revolucionária todas as lutas, gerais, específicas e parciais, tanto dos operários como de todas as demais camadas sociais.

UNIDADE DE FERRO

O Partido organiza em suas fileiras a vanguarda do movimento operário. Em cada lugar sempre se destacam elementos mais avançados. Quando ocorre um acidente, são eles que tomam a iniciativa para prestar socorro. Se é necessário protestar ou exigir alguma coisa dos patrões, eles corajosamente ocupam a primeira fila. Mesmo se há um conflito entre colegas de trabalho, logo procuram restaurar o clima de unidade. São estes homens de vanguarda que compõem o Partido. E de diversas camadas sociais também afluem pessoas que aderem à ideologia e à política do proletariado, engrossando as fileiras de sua organização revolucionária.

Para cumprir a sua missão de vanguarda, o Partido não pode ser apenas uma aglutinação de pessoas, sem princípios e normas de funcionamento. O Partido é, pelo contrário, uma forma superior de organização. Tem um programa político elaborado com base na análise científica da realidade. A concordância com este programa, e a sua aplicação criteriosa, são o primeiro critério para ingressar em suas fileiras. E para unir a teoria com a atividade prática, seus militantes são organizados em células de base em cada local de trabalho, de moradia e de estudo.

Com base na unidade de pensamento, em torno da política e da teoria marxista-leninista, os organismos de direção e de base e cada militante atuam com uma disciplina rígida. Ao contrário das organizações burguesas, divididas em inúmeras tendências, o Partido do proletariado age como um bloco monolítico. Só esta disciplina consciente pode cimentar uma unidade de ferro para fazer a revolução. Não é à toa que os inimigos da classe operária fazem tudo para destruir esta disciplina. Eles sabem que com a quebra da unidade da vanguarda, solapam a unidade da classe operária e a unidade de todas as forças populares. A seguir, reforma e revolução.

Sindicatos realizam uma ciranda de arte para o trabalhador

A arte e a cultura em nossa sociedade são privilégios de uns poucos. Para impulsionar uma política cultural nos sindicatos, 23 entidades participaram em 1981 do I Encontro Paulista de Trabalhadores em Teatro. Decidiram então pela realização de um circuito permanente com a apresentação nos sindicatos de peças teatrais, espetáculos de dança, filmes, etc, o "Auê nos Sindicatos, uma Ciranda das Artes".

CENSURA EM AÇÃO

Mas logo na abertura do "Auê", a censura proibiu a pré-estréia do filme documental *"Conclat"*, e do show musical com Tetê Spindola, Luli e Lucinha. O filme não foi exibido, mas o show foi apresentado apesar da censura, e com toda a renda revertida para o projeto cultural.

Entre as próximas apresentações do "Auê" destacam-se o filme "Actas de Marusia", sobre a greve e massacre dos mineiros do salitre no Chile, em 1907, em exibição de 18 a 21 deste mês, às 20 horas, no Sindicato dos Coureiros de São Paulo; e a comédia teatral "Cala Boca Já Morreu", sobre a transformação de um trabalhador do interior em operário do ABC, a ser exibida, também de 18 a 21 deste mês, no Sindicato dos Químicos, às 20 horas.



Os camponeses cabanos transformaram ferramentas em armas

Os 150 anos da Guerra dos Cabanos

No último dia 14 teve início, no Centro de Cultura Operária de São Paulo, um curso de História dos Movimentos Populares, com uma palestra sobre o Quilombo dos Palmares, pelo professor Clóvis Moura. Nos próximos dias 20 e 21 será abordada a Guerra dos Cabanos, sobre a qual o professor Clóvis escreveu o artigo abaixo, exclusivo para a *Tribuna*.

Entre os anos de 1832 a 1841 irrompe e termina uma revolta camponesa em Pernambuco, alastrando-se, posteriormente, até Alagoas. Começando nas matas de Jacuípe e Panelas de Miranda atrai principalmente a massa camponesa sem terras, escravos, ex-escravos e primidos pelo latifúndio escravista de um modo geral. Inicialmente foi liderada por Antônio Timóteo, pequeno proprietário e homem de origem popular, a ele indo juntar-se os índios do Jacuípe. A revolta que inicialmente tinha um sentido restaurador reacionário (queria a volta de Pedro I) adquirirá novo conteúdo com a participação da massa explorada pelos senhores de escravos e latifundiários.

Na segunda etapa o movimento passa a ser liderado por Vicente de Paula, fazendo com que os iniciadores da revolta se retirassem, deixando a liderança nas mãos de chefes que atendiam mais às aspirações das massas exploradas. Embrenhando-se nas matas, organizando guerrilhas, esses camponeses e ex-escravos enfrentam, durante muitos anos, as forças enviadas contra eles. O presidente da Província escrevia na sua Fala de 1833 sobre os combatentes cabanos: "homens que mais se assemelhavam a uma horda de antropófagos do que cidadãos, sem princípios, sem moral, sem religião, levados pelo único instinto imitador das bestas feroces, entre as quais vivem e favorecidos da posição que habitam de matas impenetráveis (Jacuípe e suas imediações) tais são os revoltosos e são as tropas com que temos empenhado uma luta tão porfiada, de balde o Governo tenha dado todas as providências ao seu alcance para os chamar à ordem".

Em seguida o governador inumerava os prejuízos causados pela luta: "A dissolução de um terreno imenso nos subúrbios de Porto Calvo, a destruição de muitos engenhos, o definhamento da agricultura, a paralização do comércio, a

diminuição das rendas públicas e o que mais é o derramamento de sangue e a perda da vida de muitos bravos defensores da Lei."

O movimento, embora tenha abandonado o seu programa restaurador e sendo composto por camponeses sem terras na sua imensa maioria, não elaborou, contudo, uma proposta política capaz de levar a insurreição ao poder. Em face desta posição as classes dominantes através dos seus grupos de poder entram em ofensiva e encarregam o bispo D. João Marques da Purificação Perdigão de ir parlamentar com os homens de Vicente de Paula. Não conseguida a pacificação, Vicente de Paula, com aqueles homens que não aceitaram a proposta do bispo, continuam a luta. Em 1835 ele conseguiu reunir uma tropa de trezentos homens, na maioria negros escravos e índios, e atacou o ponto Roçadinho. Perseguido inexoravelmente fuge com apenas cinquenta homens, tendo o Exército partido na perseguição dos escravos que aderiram ao caudilho.

Apesar de as autoridades considerarem a região pacificada, Vicente de Paula não se rendeu nem parou de atacar. Depois, vendo-se irremediavelmente derrotado recuou para o oeste, fundando um misto de povoação e quilombo onde permaneceu até 1841, num reduto praticamente inexpugnável.

Ali permaneceu até que o frade José Plácido de Messina foi entender-se com ele. Convencido pelo padre, Vicente de Paula capitula. Dois anos depois ele abandona as matas e participa ao lado de uma das facções políticas locais, na luta entre os lisos e os cabeludos. Em 1844 chega a invadir o consulado da Inglaterra, fato que ocasionou protesto veemente da diplomacia inglesa. Finalmente é preso, e enviado para a ilha de Fernando de Noronha onde permanece durante onze anos, regressando apenas em 1861, com setenta anos, sem mais forças para reiniciar a luta.

Erotismo à Figueiredo

No 3º aniversário de seu governo, o general Figueiredo apareceu em cadeia de rádio e TV para falar da "escalada do obsceno e do pornográfico", da "influência deletéria da onda de erotismo e relaxamento". Propôs até uma "cruzada", um "movimento popular (!)" pela preservação dos dogmas morais e espirituais em que repousa a civilização que estamos construindo".

Mas na hora de apontar culpados o general investe contra os jovens, tidos como ruins de contentar, mordidos por vocação contestatória, iconoclastas. E, se a degenerescência moral está à vista de todos, em qualquer banca de jornal, sua fonte está no apodrecimento da "civilização" espoliadora,

juntamente com seus "dogmas" que já cheiram mal.

O foco maior da degenerescência que se alastra também não está nos jovens, que são vítimas e não culpados. Está nas classes dominantes. Basta ver as "Festinhas" da alta sociedade, como aquela em que o embaixador Roberto Campos foi esfaqueado; as boates da moda como a "Hippopotamus", inaugurada com grande empolgação por D. Dulce Figueiredo; ou a lucrativa "indústria pornô", subsidiada pelo governo.

Assim, a "cruzada" moralista de Figueiredo cheira mais a recrudescimento da censura — não contra a pornografia mas contra a liberdade de informação.

Seleção testa sua força contra o time da Alemanha

O jogo da Seleção Brasileira contra a Alemanha Ocidental, dia 21 no Maracanã, é aguardado com expectativa, principalmente após o magro empate contra a Checoslováquia. Nele a seleção fará novo teste de suas condições para a Copa da Espanha.

Para opinar sobre o jogo contra a Alemanha e sobre a disputa na Espanha, a *Tribuna* conversou com o cronista esportivo da Rádio Globo, Juares Soares, que há 23 anos acompanha o futebol brasileiro.



Alemanha tentará revidar os 4 a 1 sofridos no Mundialito em 1981

TESTE MAIS DIFÍCIL

Para ele "o jogo do dia 21 não vai ser fácil. Talvez seja o teste mais difícil para nossa Seleção. A equipe alemã, apesar de desfalçada de dois titulares absolutos — Magath e Schultz —, tem capacidade, qualidade técnica. Agora, é bom lembrar que o Brasil tem tradição de vitória sobre a Alemanha, é quase que um tabu. Por isso, se o Brasil ganhar é como bater num bêbado. Agora, se der o contrário, se o bêbado sorrir a pessoa sã, vai ser trágico para o nosso selecionado".

Juares demonstra-se muito confiante na seleção de Telê Santana, mesmo após o empate e as vaias no jogo contra os checos. "Desde o tricampeonato, em 1970, nunca a seleção esteve tão bem. Até agora a seleção comandada por Telê só perdeu dois jogos, dos 26 que disputou. É uma equipe formada por novos e excelentes jogadores, que estão bastante coesos entre si, o que é indispensável.

Além disto a seleção tem um experiente preparador físico, o Tim. Concretamente o Telê conseguiu colocar tudo isto num liquidificador e tirar uma boa vitamina".

HÁ PREPAROS A FAZER

Juares não hesita ao afirmar que a Seleção Brasileira "será uma das finalistas da Copa do Mundo". Quanto à péssima partida contra a Checoslováquia e as vaias dos 107 mil torcedores, ele não acha que o resultado negativo diminua nossas possibilidades na Espanha. "Ao contrário. O jogo contra os checos foi bom para alertar os jogadores quanto às falhas que ainda existem, principalmente no ataque. Os torcedores, ao exercerem seu direito de vaiar, mostraram que aquele clima de oba-oba, de já ganhou, não pode existir. Que há reparos a fazer na seleção".

O time vencedor fuzilado em campo

O jogo Brasil versus Alemanha me recorda uma história. É claro que ela nada tem a ver com o time alemão que traz a campo no dia 21 o capitão Paul Breitner, que na copa de 1978 se recusou a jogar na Argentina em protesto contra a ditadura... Mas vamos a história. No auge da 2ª Guerra, na União Soviética ocupada, o Exército Nazista desejava se divertir às custas do povo. E marca um jogo entre o time dos soldados nazistas e o Dinamo dos pedreiros de Kiev. O Estádio lotou naquele verão de 1942. No final do primeiro tempo o Dinamo vencia por dois a um. Desesperado, o alto comando alemão apela: ameaça de morte os soviéticos. Na volta ao campo o Dinamo enfia mais dois gols, com a torcida vibrando. O juiz encerra o jogo antecipadamente e os jogadores soviéticos são fuzilados à beira do gramado, todos vestidos com o uniforme do Dinamo. (Aldo Rebelo)

No filme e na vida real Pixote vive na miséria

Fernando Ramos da Silva, o garoto ator do filme "Pixote", continua morando na favela Vila Ester, em Diadema, e vivendo na miséria, apesar do sucesso de bilheteria e da vasta premiação nacional e internacional do filme. A situação do Fernando mostra como era realista o filme "Pixote", mas mostra também uma limitação do próprio filme.

Ao ser lançado, no final de 1980, o filme "Pixote, a lei do mais fraco", de Hector Babenco, causou muita polêmica. O filme denunciava, com vigoroso realismo e grande qualidade artis-

tica, as condições sociais e econômicas que levam uma criança a se marginalizar; como, ao ser encaminhado para a Fundação do Bem Estar do Menor (Febem), o menor abandonado se

torna um delinquente formado.

Ao realizar o filme, Babenco, seu diretor, mostrou com grande fidelidade a vida real. De fato, sob o capitalismo, muitos trabalhadores vivem na miséria, muitas crianças são marginalizadas. A miséria de muitos convive com a riqueza de poucos — os exploradores. Mas Babenco, embora tenha realizado com "Pixote" um dos melhores filmes nacionais, mostrou a realidade estática, sem movimento. Não apontou a possibilidade de mudança, a luta dos homens pelo fim da miséria e opressão.

Agora, o Pixote da vida real, o favelado Fernando, grita contra a miséria em que vive. Quer ser gratificado pelo sucesso do filme. O Sindicato dos Artistas de São Paulo e a Associação dos Atores emitiram nota oficial em seu apoio, e denunciaram que a situação de Fernando não é diferente da de centenas de artistas, que são "privados dos seus mais comensais direitos". É uma mostra do outro lado da realidade: além da miséria e exploração dos oprimidos, existe também a luta dos oprimidos pelo fim da miséria e exploração.



Fernando (ao fundo), com sua família continua morando na favela

Galbraith: a Economia na TV para defender o capitalismo

Após ampla campanha comercial, estreou no último dia 15 o seriado "A Era da Incerteza", de John Kenneth Galbraith, na rede nacional da TV Educativa. Na estréia, até o ministro Delfim Neto apareceu na TV, para dizer que Galbraith "é absolutamente brilhante".

Um dos mais conhecidos economistas a serviço do capitalismo da atualidade, Galbraith foi assessor de dois presidentes norte-americanos, Roosevelt e Kennedy. Mas não tem tido sucesso em suas previsões. Analisando a grande depressão de 1929, por exemplo, colocou que o mundo estaria livre de crises semelhantes. Depois afirmou que o capitalismo era "a sociedade de prosperidade abundante". No início da década de 70, previu a atual crise do capitalismo. Foi quando a BBC, rede estatal de tele-

visão da Inglaterra, convocou Galbraith para preparar seu seriado sobre economia. Talvez levando em conta o fracasso de suas previsões anteriores, Galbraith preferiu ser mais cauteloso no seu novo trabalho, e o batizou "A Era da Incerteza".

No seriado, ele diz que não existe saída para a crise atual e afirma que "o homem, pelo menos quando culto, é um pessimista". Mostra Marx como um "fofo" que se reunia com "elementos da pior espécie" para tramarem rebeliões. I ên, um sonhador. Ataca todos os que lutaram e lutam pela revolução. Ao mesmo tempo, esconde os êxitos do socialismo. Na verdade, a sua "incerteza" serve aos capitalistas, para afastar os trabalhadores e o povo da solução de seus problemas.



(Carlos Pompe)

Galbraith, elogiado até por Delfim

Indústria da guerra mata 19 operários em Piquete

No dia 11 de março, uma explosão na fábrica de material bélico Imbel abalou a pequena cidade de Piquete, em São Paulo. A fábrica não parou a produção nem no dia da explosão, e anunciou a existência de 19 mortos. Mas a população comenta que morreram mais de 30 operários.

Os moradores de Piquete não gostam do apelido "A cidade das viúvas", dado ao local devido às constantes explosões da fábrica IMBEL. É que também existem muitas mulheres que trabalham na fábrica. Piquete é uma cidade estranha, dá sensação de angústia e ao mesmo tempo de normalidade, como se nada tivesse acontecido e que é até normal esse tipo de vida e morte...

Vicente Rosa, apelido Jacaré, era conhecido por sua musculatura. "Ele era um negão de peito forte", lembra, entre lágrimas, sua viúva. "A gente reconheceu ele pelo peito. Estourou tudo, cabeça, o corpo, os dentes prá fora. Mas o peito dele estava inteiro — a fábrica não conseguiu destruir".



Comoção geral no enterro dos operários mortos

A revolta da viúva de Vicente é grande. José dos Santos, o primeiro marido de sua mãe, dona Maria, também morreu no "açougue", como é conhecida a Imbel pelos piquetenses. "Junto com meu marido morreram quatro operários", conta dona Maria. "Até hoje eu re-

cebo uma pensão do INPS, que aumentou esse mês para Cr\$ 3.116,00. Mas da fábrica só recebi uma casa de indenização. Quando o José morreu, eu tinha 27 anos. Depois casei de novo, e meu segundo marido pegou todas as explosões da fábrica, mas trabalha em eletricidade, outro setor".

A dependência do povo de Piquete em relação à IMBEL é total. Não existe outra opção a não ser trabalhar nesse "Açougue". A fábrica é dividida por setores. O que explodiu foi o B3. Nas salas mais perigosas, trabalha-se dentro d'água, com botas, para diluir a nitroglicerina que cai no chão.

A CIDADE EM TORNO DE UM FÁBRICA

No dia 15, a Imbel completou 73 anos. Sempre é decretado feriado nesse dia, mas este ano, por causa da explosão, a fábrica não deu folga aos operários, pois estava arriscada a diminuir a produção. Mesmo no dia da explosão os operários não pararam, a não ser os que estavam ajudando a colher os pedaços de braços e pernas espalhados pela fábrica.

O marido de Delminda Fonseca, Sebastião, foi um dos mortos na explosão. Ela não consegue esconder sua revolta: "Aquele povo lá da fábrica é muito cruel! Os acidentes só acontecem com os trabalhadores. Os chefes, os bonitões, têm segurança. Com eles não acontece nada. Eu nunca vi o chefe morrer..." Delminda é muito doente, não pode trabalhar e não sabe como vai fazer para sustentar suas duas filhas.

Ela conta que certa vez o Sebastião, seu marido, extraiu cinco dentes num só dia: "Deu hemorragia, e mesmo assim ele foi trabalhar. Ficou seis dias com hemorragia. Levou atestado e tudo, faltou dois dias no trabalho. E mesmo com o atestado, a firma descontou os dias de falta. Eles não se interessam pela pessoa, só pelo dinheiro".

Uma senhora, amiga de Delminda, conta: "A explosão antes dessa foi a de 74. Meu filho diz que o Rubens, chefe, queria produção, só produção. Um outro chefe alertou que as máquinas não estavam em condição, mas o Rubens não quis saber. Ele morreu nessa explosão. Mas não foi sozinho. Outros operários, que cumpriam ordens, morreram junto".

QUEM SOBREVIVE FICA NEURÓTICO

Outra amiga de Delminda diz: "Uma vez fui numa missa lá na fábrica. Estava curiosa pra conhecer o 'Açougue' por dentro. Só de entrar lá, dá uma sensação de medo. Meu pai trabalhou lá 20 anos. Não morreu de explosão, mas no atestado de óbito veio escrito 'neurose'. Os que se aposentam lá, morrem tudo de neurose ou do coração. O seu Silvinho, que mora aqui em Piquete, também está neurótico e sofrendo do coração de trabalhar na fábrica!"

Dona Regina já ouviu falar em 34 mortos, mas não sabe porque a empresa esconde: "As vezes vai meses para achar. Tem mulher trabalhando lá também, fazendo cartuchos. Quando explode balança tudo, porta, janela, chão, parede. Dá uma angústia... Vem o tremor e a cidade se apavora. É muito, muito triste. O pai de Hélio trabalha lá, só que em outro setor, não atingido. Ele achou o filho pelo pé e pelo cabelo. Eles vão fazendo a limpeza e vão achando pedaços de corpos".

A explosão ocorreu no dia em que Luiz Antônio estava de folga, mas ele foi chamado pela fábrica para consertar uma máquina, e lá morreu. Uma amiga sua desabafa: "Dizem que a sorte é destino. Não é destino não. A culpada foi a fábrica, que não dá segurança. Põe qualquer um prá trabalhar, sem experiência. Garantem o lucro deles. Os operários que morram".

(do correspondente em Taubaté)



Na greve de São Bernardo a Polícia Militar já jogou bruto sob controle direto do Exército

Exército quer arrochar controle sobre as PMs

Embora na greve de São Bernardo em 1980 a Polícia Militar tenha reprimido os operários sob direção do Exército, foi no início do ano passado que um decreto do Ministro do Exército atribuiu ao chefe do Estado Maior das Forças Armadas o poder de entrar em contato com os governos estaduais para tratar do emprego da PM nos Estados. Na época se falava até em presença ostensiva do próprio Exército nas ruas para fazer patrulhamento, o que chegou a ocorrer em bairros próximos à área militar de Campinas.

Como se sabe, em 1969 o regime militar mudou oficialmente o sistema policial do país para adaptá-lo à nova ordem criada com o golpe de 1964; desde então as polícias estaduais — antes dirigidas pelos governadores, através de seus secretários — foram, no essencial, militarizadas e colocadas sob comando do Exército.

Decisão visa fortalecer o controle dos militares

A decisão de dar ao chefe do EMFA poderes de negociar com os governadores sobre questões de segurança foi apresentada como uma medida de "desburocratização", de simplificação do funcionamento da administração pública. Na realidade, tinha outros objetivos.

Cinco meses depois, em abril, de 1981, o Ministério da Justiça e o Ministério do Exército divulgaram a informação de que estava em fase de preparação final um novo "Sistema Nacional de Segurança Pública", destinado a atualizar o que fora formalizado em 1969 e que apresentava inúmeros problemas. Dentro de 90 dias uma comissão dos dois ministérios apresentaria propostas visando solucionar os numerosos problemas constatados: atritos entre a PM e a Polícia Civil em quase todos os Estados; problemas salariais e de insatisfação social nas duas forças; reivindicação da justiça civil para julgar os PMs nos inúmeros crimes praticados por eles; crescimento da violência, a ponto de a segurança ser o maior problema, acima até do custo de vida, para grande parte da população, segundo pesquisa do governo.

Passados outros cinco meses, no fim de outubro passado, novo anúncio do governo prometia para daí a 30 dias a tal reformulação das Polícias. Nessa mesma ocasião, referindo-se ao fato, o jornal O Estado de São Paulo noticiava que uma parte da comissão

interministerial já temia que o novo sistema de polícia — que previa a criação de um órgão federal para ditar a política de segurança pública — poderia vir a ser, na prática, um novo avanço do regime militar sobre a já precária autonomia dos governos estaduais.

A discussão é sigilosa como de hábito na ditadura

Em meados do mês passado nova notícia dava conta das divergências entre os setores liberais e os setores favoráveis ao regime militar na discussão do tal projeto: o Conselho Nacional de Política Penitenciária de São Paulo, ao indicar um jurista da USP para participar dos estudos da nova legislação, veio a público para dizer que as PMs eram para ficar subordinadas à autoridade civil. A posição do Conselho, aliás, veio após atritos de juizes paulistas e cariocas com chefes de PMs e reivindicações de delegados por todo o Brasil exigindo a subordinação das PMs aos bacharéis de Direito.

A esta altura ainda não se sabe o conteúdo dos debates que têm feito se alongar por tanto tempo os trabalhos de tal comissão interministerial. Como de hábito na ditadura militar, essas discussões são sigilosas. A população, entretanto, tem o maior interesse em participar dessa discussão e determinar o seu resultado. Tanto o povo que sofre a ação dos marginais e da polícia, quanto os próprios soldados, delegados, juizes, serão profundamente afetados por suas decisões e sofrerão com as medidas recentes de pretenso combate ao crime: superarmamento e total impunidade da Polícia Militar e grupos da polícia civil especiais tipo Rota e outros.

A oposição popular precisa dar também a sua opinião

A oposição popular brasileira, a rigor, ainda não se pronunciou sobre este tema e precisa fazê-lo com urgência e firmeza. Sabe por experiência que os generais decidem essas questões por decreto, à revelia das próprias comissões que criam.

A urgência se justifica: afinal, a crise que atravessa o sistema policial brasileiro é grande e grave — já houve até uma rebelião aberta de rua, da PM da Bahia, com um morto. E dessa crise, afinal, pode sair algo de bom para o povo brasileiro.

(Guilherme Lobo)

Brasil já é o sexto maior traficante mundial de armas

Enquanto as famílias operárias de Piquete choram seus mortos, o general José Luiz Coelho Neto, chefe de gabinete do Ministério do Exército, sai a público para defender a indústria bélica. E chega a acusar até o cardel D. Evaristo Arns de "mau brasileiro", que criticou a elevação do Brasil à vergonhosa posição de sexto maior traficante de armas do mundo.

A IMBEL é apenas uma pequena peça desta máquina de produzir artefatos de matança. No total são mais de cem empresas dedicadas exclusiva ou principalmente à indústria bélica, com centro em São José dos Campos e outras cidades do Vale do Paraíba. Mais de 100 mil operários trabalham nelas, enfrentando muitas vezes precárias condições de segurança, e quase sempre uma verdadeira disciplina de quartel.

UM CRESCIMENTO MONSTRUOSO

É todo um complexo industrial-militar, diretamente controlado pelas Forças Armadas. É também fonte de polpidos lucros, por exemplo para os patrões da Engesa, que trocaram o fabrico de máquinas de terraplanagem pelo ramo mais compensador dos instrumentos de destruição. A produção abastece não só o exército brasileiro, mas também os de vários outros países da América Latina, Oriente Médio, África e até Europa.

Esta indústria da morte não conhece a crise, nem na produção, nem nas exportações. Encontra-se em franca expansão no mundo capitalista em geral e no Brasil em



General Coelho, defensor da indústria de guerra

particular. Segundo o Noticiário do Exército, as exportações brasileiras de material bélico no ano passado subiram a cerca de um bilhão de dólares. Outras fontes estimam que esta cifra mal chega à metade da verdadeira.

FRUTO DA DITADURA MILITAR

Os generais, como Coelho, defendem-se da acusação de armamentismo dizendo que trata-se de um comércio limpo e honesto, que traz divisas para o país e até ajuda a soberania nacional. Não é verdade. Os aviões, tanques, carros blindados, veículos de transporte, canhões, metralhadoras, fuzis, lança-chamas e até simples mochilas ou coturnos produzidos fazem parte da preparação de uma nova guerra mundial de rapina, imperialista. As armas brasileiras já estão ajudando a derramar sangue iraquiano, no Oriente Médio. Em várias repúblicas latino-americanas foram empunhadas contra os povos que buscam a liberdade.

No plano interno, a escalada da indústria bélica, não por acaso, coincidiu com o período da ditadura militar. Logo que tomaram o poder, os generais começaram a usá-lo no sentido de impulsionar o armamentismo, contra o próprio povo brasileiro e também para satisfazer a antigas ambições expansionistas das classes dominantes brasileiras. No dia 11, isto custou 19 vidas operárias; um dia, porém, poderão custar um preço de sangue incalculavelmente mais alto.



Tanques M-41 B, exportados pela IMBEL para vários países

A Tribuna semanal começa com venda de 600 na Volks

A Tribuna Operária semanal começou com pleno vapor. No dia 12, sexta-feira em que o jornal saiu, um mutirão na porta da Volks de São Bernardo vendeu 600 jornais. Outro mutirão em várias praças do centro de São Paulo vendeu 400 jornais. De várias partes do país temos recebido notícias de um novo impulso entre os colaboradores.

No dia 16, foi feito um ato público em São Paulo, no Sindicato dos Jornalistas, para comemorar o lançamento do semanário. Em nome do conselho de direção, Rogério Lustosa fez uma prestação de contas destes 61 números editados, e destes dois anos e meio de vida. "A grande lição que se pode tirar da Tribuna Operária — disse ele — "é que a política proletária é a única que responde às necessidades da situação de crise em que se encontra o país. E por isto é capaz de mobilizar centenas e milhares de leitores e de abnegados colaboradores".

Joel, metalúrgico e recordista de venda na campanha Raimundo Lapa da Tribuna Operária disse na ocasião: "Antes do contato com o jornal, eu era um operário como todos os outros. Participava das greves e das lutas, mas não tinha idéia de como a classe



O operário recordista da Tribuna fala da sua experiência

operária poderia mudar a sua situação. O contato com a teoria e a política científica mudou o rumo da minha vida. Percebi a perspectiva da libertação dos operários e de todos os explorados". E continuou: "No início iam alguns tribuneiros vender o jornal na porta da fábrica onde eu trabalhava. Agora os próprios operários se encarregam desta tarefa. E muitos já vão vender nas portas de outras fábricas". Um tribuneiro se levantou no plenário e lançou um desafio: "Quero ver quem consegue vender, no mês de abril, 120 jornais por edição e 10 assinaturas".